

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

LETÍCIA TAVARES DE ANDRADE

**VISITAÇÕES TURÍSTICAS EM PARAISÓPOLIS, SÃO PAULO  
CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA**

São Paulo  
2019



**LETÍCIA TAVARES DE ANDRADE**

**Visitações turísticas em Paraisópolis, São Paulo:  
caracterização e análise crítica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade  
de São Paulo para a obtenção do título de Bacharel  
em Turismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Clarissa Maria Rosa  
Gagliardi.

São Paulo  
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Catalogação na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
Dados inseridos pelo(a) autor(a)**

Andrade, Letícia Tavares de  
Visitações turísticas em Paraisópolis, São Paulo:  
caracterização e análise crítica / Letícia Tavares de  
Andrade ; orientadora, Clarissa Maria Rosa Gagliardi. --  
São Paulo, 2019.  
79 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em  
Turismo) - Departamento de Relações Públicas, Propaganda  
e Turismo / Escola de Comunicações e Artes / Universidade  
de São Paulo.  
Bibliografia

Versão corrigida

1. Turismo em favela 2. Turismo de base comunitária  
3. Paraisópolis-SP I. Gagliardi, Clarissa Maria Rosa II.  
Título.

CDD 21.ed. - 910

Aos meus irmãos, Giovani e Gabriel.  
Vocês são as minhas inspirações.



## **AGRADECIMENTOS**

A todas as pessoas que, de alguma forma, colaboraram para que este trabalho fosse possível, seja com ajuda para seu desenvolvimento, seja com apoio e incentivo a mim.

Aos meus professores, em especial à minha orientadora, Clarissa, que me inspirou desde a primeira aula e sempre me ajudou e instruiu para que isso fosse possível.

À minha família que me acompanhou durante toda a minha graduação e me deu forças para nunca desistir, em especial meu pais, Cilene e Claudiones, meus irmãos, Giovani e Gabriel, e minhas primas Mônica (Ma) e Paloma (Papy). Sem vocês nada disso seria possível. Esta vitória é nossa!

Aos meus amigos, principalmente Gustavo (Gus), Rafael (Rafa), Vitória (Vi) e Melina (Mel), que sempre me incentivaram para que isso fosse possível.

Ao meu companheiro, Lucas, que me acompanhou durante aos trabalhos de campo e noites escrevendo este trabalho.

À comunidade de Paraisópolis, em especial Gilson, Antônio Ednaldo (Borbela), Estevão Conceição (Gaudí de Paraisópolis), Monica Tarragó e toda a equipe do Ballet Paraisópolis, que nos receberam muito bem durante a realização do Circuito Paraisópolis das Artes.

Aos entrevistados que disponibilizaram uma parte de seu precioso tempo para compartilhar vivências e ideias comigo enriquecendo tudo o que aqui está escrito.



*“Vem ver o paraíso das metrópoles  
Prazer, Paraisópolis  
Brasil, Paraisópolis”*

(ATOZERO4, 2015)



## **RESUMO**

ANDRADE, Letícia Tavares de. **Visitações turísticas em Paraisópolis, São Paulo:** caracterização e análise crítica. 79 f. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

A atividade turística que acontece dentro da favela de Paraisópolis-SP é o objeto desta pesquisa. O turismo em Paraisópolis acontece há, aproximadamente, 13 anos (BORGES, 2012, p. 9). Todavia, sua promoção e visibilidade são muito incipientes quando se considera o tempo em que a atividade está presente no local e quando se compara com a atuação do turismo nas favelas do Rio de Janeiro – cidade que vem se tornando referência neste tipo de prática. Por tal razão, o foco será dado aos diferentes tours em atuação na favela paulistana e também àqueles que deixaram de operar, comparando-os no que tange, sobretudo, suas diferenças e especificidades. Ademais, propõe-se traçar o histórico da atividade turística em favelas, especificamente dentro de Paraisópolis. O método de pesquisa envolveu i) a análise de bibliografia e estudos já realizados sobre o tema, a fim de recuperar a história e as particularidades do turismo de favelas, ii) trabalho de campo em Paraisópolis para se obter dados mais precisos sobre os roteiros vigentes e iii) realização de entrevistas com representante da comunidade e com profissionais de turismo que atuam ou já atuaram no local .

**Palavras-chave:** Turismo em favela. Turismo de base comunitária. Paraisópolis-SP.



## ABSTRACT

The tourist activity that happens inside the *favela* of Paraisópolis-SP is the research object of this project. Tourism in Paraisópolis has been going on for approximately 13 years (BORGES, 2012, p. 9). However, its promotion and visibility are very incipient when considered the time in which the activity is present at the site and when it is compared to such activities in *favelas* of Rio de Janeiro – a city that has become a reference in this type of activity. For this reason, the focus will be on the different tours that are operating in the *favelas* of São Paulo and also those that quitted operating, comparing them in what comes to their differences and specificities. In addition, this project proposes to present the history of tourism activity in *favelas* specifically based in Paraisópolis. The proposed method involves i) bibliographical analysis and studies already done on the subject, in order to recover the history of *favela* tourism, ii) fieldwork in Paraisópolis to obtain more accurate information about the current itineraries and iii) interviews with travel agencies/tour operators currently offering tours there or those who have already interrupted them.

**Key words:** *Favela* Tourism. Community-based tourism. Paraisópolis-SP.



## **RESUMEN**

La actividad turística que ocurre dentro de la *favela* de Paraisópolis-SP es el objeto de esta investigación. El turismo en Paraisópolis ocurre durante aproximadamente 13 años (BORGES, 2012, p. 9). Sin embargo, su promoción y visibilidad son muy incipientes cuando se considera el momento en que la actividad está presente en el espacio y en comparación con las actividades turísticas en las *favelas* de Río de Janeiro, una ciudad que se ha convertido en una referencia en este tipo de práctica. Por esta razón, se prestará atención a los diferentes recorridos que operan en la *favela* paulistana y también a aquellos que dejaron de operar, comparándolos principalmente con respecto a sus diferencias y especificidades. Además, se propone rastrear la historia de la actividad turística en las *favelas*, específicamente, dentro de Paraisópolis. El método de investigación incluyó i) el análisis bibliográfico y los estudios ya realizados sobre el tema, para recuperar la historia y las particularidades del turismo de *favelas*, ii) el trabajo de campo en Paraisópolis para obtener datos más precisos sobre los itinerarios actuales y iii) entrevistas con representantes de la comunidad y profesionales del turismo que trabajan o han trabajado en el espacio.

**Palabras clave:** Turismo en *favelas*. Turismo comunitario. Paraisópolis-SP.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada da UMCP .....	25
Figura 2 – Proporção de domicílios em favelas na cidade de São Paulo em relação ao total de domicílios (%) .....	28
Figura 3 – Total de domicílios em Paraisópolis .....	34
Figura 4 – População residente de Paraisópolis .....	35
Figura 5 – UH's da CDHU mostradas por Rodrigues .....	39
Figura 6 – Arte de Berbela na abertura da novela <i>I Love Paraisópolis</i> .....	48
Figura 7 – Paraisópolis vista do topo da casa do Gaudí de Paraisópolis.....	49
Figura 8 – Detalhes da obra Morrinho.....	52
Figura 9 – Mapa da oferta turística de São Paulo com foco no distanciamento da região da Vila Andrade dos atrativos turísticos .....	54
Figura 10 – Roteiro do Circuito Paraisópolis das Artes .....	58
Figura 11 – Interior da oficina do Berbela .....	59
Figura 12 – Interior da casa do Gaudí de Paraisópolis .....	60
Figura 13 – Fachada do Ballet de Paraisópolis.....	61
Figura 14 – Grafite em um dos becos de Paraisópolis .....	72



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Roteiro de entrevista com agências/operadoras de turismo em Paraisópolis .....	56
Quadro 2 – Manchetes de jornais internacionais sobre as favelas brasileiras .....	67



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPS .....	Centro de Atenção Psicossocial
CHDU.....	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS .....	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
MTur.....	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
MUF .....	Museu de Favela
ONG .....	Organização Não-Governamental
PDE.....	Plano Diretor Estratégico
PMSP .....	Prefeitura Municipal de São Paulo
ProAc .....	Programa de Ação Cultural
SPTuris .....	São Paulo Turismo
SEHAB .....	Secretaria Municipal de Habitação
TBC .....	Turismo de base comunitária
TCC .....	Trabalho de Conclusão de Curso
TURISMUF.....	Turismo no Museu de Favela
UBS .....	Unidade básica de saúde
UH .....	Unidade habitacional
UMCP.....	União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis
UNIRIO .....	Universidade Federal do Rio de Janeiro



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>1 PROBLEMA DE PESQUISA.....</b>	<b>26</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>27</b>
<b>3 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>30</b>
<b>4 OBJETIVOS .....</b>	<b>31</b>
4.1 GERAL .....	31
4.2 ESPECÍFICOS .....	31
<b>5 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA .....</b>	<b>32</b>
<b>6 BEM-VINDOS A PARAISÓPOLIS.....</b>	<b>34</b>
<b>7 CRONOLOGIA DO TURISMO EM FAPELA .....</b>	<b>41</b>
7.1 NO MUNDO.....	41
7.2 NO BRASIL.....	42
7.3 EM SÃO PAULO .....	46
7.4 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA.....	49
<b>8 TURISMO EM PARAISÓPOLIS.....</b>	<b>53</b>
8.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	53
8.2 ROTEIROS .....	55
8.2.1 CIRCUITO PARAISÓPOLIS DAS ARTES .....	56
8.2.2 FAVELA ARTS TOUR.....	61
8.2.3 FAVELA SÃO PAULO CITY TOUR ( <i>SLUM</i> ) .....	64
8.2.4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS ROTEIROS.....	66
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>73</b>



## INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) visa discutir o turismo na favela de Paraisópolis localizada na cidade de São Paulo. Tomando como referência o turismo praticado nas favelas do Rio de Janeiro e dados da presença de visitantes nelas ainda nos anos 1940 (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 80), o surgimento e a prática desse gênero de turismo na capital paulistana ainda são recentes – meados dos anos 2006 (BORGES, 2012, p. 9) –, mas a riqueza artística e as ações socioculturais realizadas dentro da favela dão a Paraisópolis um caráter único. Sendo assim, a pesquisa acaba por ter também um viés social, uma vez que analisa o turismo dentro da organização social desse território e assume caráter qualitativo na busca por atender aos objetivos propostos.

Não há consenso a respeito da definição de favela. Para este projeto, adotou-se o conceito do Observatório de Favelas (2009, p. 22-23), o qual considera a favela como área pertencente ao território urbano possuidor de parte ou totalidade das características abaixo:

- Insuficiência histórica de investimentos do Estado e do mercado formal, principalmente o imobiliário, financeiro e de serviços;
- Forte estigmatização sócio-espacial (sic), especialmente inferida por moradores de outras áreas da cidade;
- Edificações predominantemente caracterizadas pela autoconstrução, que não se orientam pelos parâmetros definidos pelo Estado;
- Apropriação social do território com uso predominante para fins de moradia;
- Ocupação marcada pela alta densidade de habitações;
- Indicadores educacionais, econômicos e ambientais abaixo da média do conjunto da cidade;
- Níveis elevados de subemprego e informalidade nas relações de trabalho;
- Taxa de densidade demográfica acima da média do conjunto da cidade;
- Ocupação de sítios urbanos marcados por um alto grau de vulnerabilidade ambiental;
- Alta concentração de negros (pardos e pretos) e descendentes de indígenas, de acordo com a região brasileira;
- Grau de soberania por parte do Estado inferior à média do conjunto da cidade;
- Alta incidência de situações de violência, sobretudo a letal, acima da média da cidade;
- Relações de vizinhança marcadas por intensa sociabilidade, com forte valorização dos espaços comuns como lugar de convivência (OBSERVATÓRIO DE FAPELAS, 2009, p. 22-23).

Dessa forma, turismo em favela vem a ser o turismo realizado dentro destes territórios. Para que se compreenda melhor esse tipo de turismo, Freire-Medeiros (2009, p. 28) defende que “[...] é preciso situá-lo em um contexto mais amplo, no qual a *pobreza turística* (grifo da autora), – uma pobreza emoldurada, anunciada, vendida e consumida com um valor monetário definido no mercado turístico – emerge como fenômeno global”. Além disso, esse tipo de

turismo pode ou não estar associado ao turismo de base comunitária (TBC) que é, de um modo geral, a atividade turística gerida pela própria comunidade. No Brasil essa modalidade surge em meados dos anos 1990 sem a participação do poder público. Somente alguns anos depois – com a criação do Ministério do Turismo (MTur), em 2003, é que essa prática é reconhecida e recebe, então, atenção pública (MTUR, 2010, p. 17).

Escolheu-se Paraisópolis por esta ser uma favela referência na cidade de São Paulo. Conforme a Grade Estatística e o Atlas Digital Brasil 1 por 1, elaborados a partir do *Censo Demográfico 2010: Características da População e dos Domicílios* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Paraisópolis é o local que possui a maior densidade demográfica do país tendo mais de 40 pessoas por km<sup>2</sup>, isto é, nela encontra-se a maior média de distribuição de população total por território (IBGE, 2010d). Outro fato que sustentou a escolha foi o de que a favela está localizada em uma região favorável à realização de trabalhos de campo e entrevistas na cidade de São Paulo – parte dos procedimentos empregados aqui, fundamentais para coletar informações sobre essa experiência ainda pouco estudada e registrada.

Além da iniciativa de TBC dentro de Paraisópolis realizada pela União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis (UMCP) – centro comunitário que “[...] atua na defesa dos interesses da comunidade e na promoção de iniciativas voltadas à melhora das condições de vida das pessoas que residem no local” (GARIBALD, 2017) –, identificou-se uma operadora privada especializada em serviços de transporte executivo e *city tours* por algumas cidades brasileiras e, sendo São Paulo uma delas, a empresa oferece visitação formalizada dentro de Paraisópolis, e também uma outra agência de turismo receptivo que já ofereceu esse tipo de visitação.

**Figura 1 – Fachada da UMCP**



Fonte: Letícia Tavares (2019).

Contudo, sabe-se também que outros tipos de visitações e tours já aconteceram no local, tal como é exemplificado pelo roteiro Favela Arts Tour oferecido por uma operadora de turismo receptivo na cidade de São Paulo que atuou por quatro anos em Paraisópolis. Por isso, este trabalho pretende recuperar o histórico da atividade turística em Paraisópolis abordando passeios realizados no passado e os que ainda estão em vigor dentro da favela. A finalidade é entender as peculiaridades de cada um e reunir subsídios para uma análise crítica a respeito desta modalidade de turismo.

## 1 PROBLEMA DE PESQUISA

A problemática escolhida para sustentar esse trabalho consiste em uma análise comparativa da organização dos roteiros de visitação em Paraisópolis. Essencialmente, busca-se compreender, a partir do trabalho de campo realizado sob o guiamento de um roteiro em Paraisópolis e entrevistas com as agências que possuem ou já possuíram roteiros de visitação ativos, quais são as razões que levam à exploração de visitas a favelas, quais são as suas motivações, quais são os impactos dessa prática e como tem se desenvolvido em Paraisópolis, isto é, entender quais são as peculiaridades de cada um desses roteiros e o porquê de alguns deixarem ou diminuírem suas operações.

Como começou o turismo em Paraisópolis? Como São Paulo entrou nesse circuito de turismo de favela? Quais agências atuam no local? Existe parceria com a comunidade? Qual é a opinião da comunidade sobre esses passeios<sup>1</sup>? Como a comunidade começou a se interessar pela atividade? Essas são algumas das perguntas que se espera poder responder ao fim desse TCC.

---

<sup>1</sup> Para este trabalho, adotou-se como sinônimos os termos *visitação*, *passeio* e *tour*.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Bianca Freire-Medeiros, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP) e coordenadora do UrbanData-Brasil: Banco de dados sobre o Brasil Urbano, foi a referência mais frequente durante as pesquisas sobre turismo em favela. Ela tem pesquisa no assunto desde 2003 e tem como foco as favelas do Rio de Janeiro.

A autora conta que não é de hoje que a vida do pobre desperta a curiosidade das pessoas. Na Era Vitoriana cunhou-se o termo *slumming* decorrente das práticas da elite da época que, movida pela curiosidade disfarçada de altruísmo, visitava – parte dela até vivia e trabalhava – os bairros menos favorecidos de Londres (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 29). Tais ações tiveram um declínio durante os anos de 1890.

Foi preciso esperar a virada de outro século para que os pobres e seus espaços de moradia retornassem como objetos do olhar curioso de um número expressivo de atores sociais das camadas médias e altas da sociedade, com as quais passam novamente a compartilhar uma proximidade indiscreta (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 31).

Atualmente, a pobreza é constituinte do turismo e ele é o mediador entre os curiosos, os mais abastados e essas pessoas que recebem visitação (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 31). Tem-se poucos dados e informações sobre o início do turismo em favelas em São Paulo, entretanto, em relação à cidade do Rio de Janeiro há registros de que essa prática se iniciou em meados dos anos de 1940 (FREIRE-MEDEIROS, 2006, p. 80), massificando-se e formalizando-se após a Eco-92<sup>2</sup> (FREIRE-MEDEIROS, 2006, p. 06).

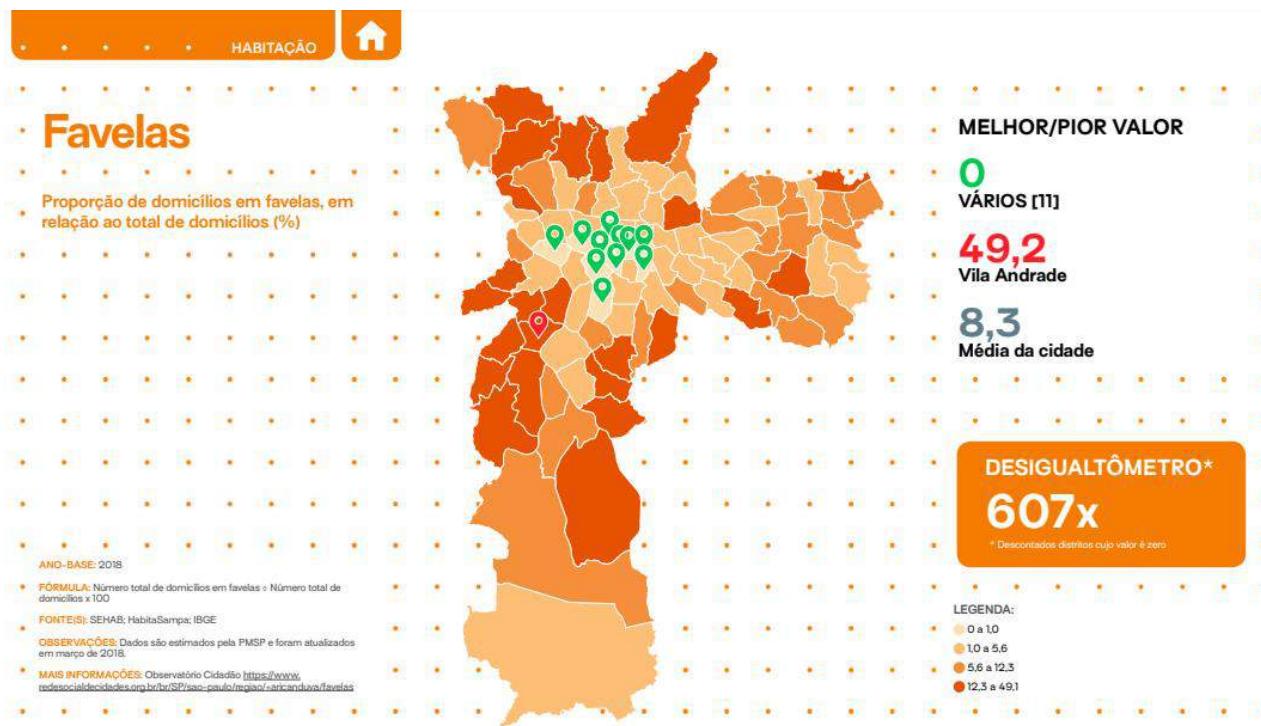
Este trabalho procura, portanto, compreender como a favela paulistana de Paraisópolis entra nesse circuito de turismo em favelas e como é a organização dos roteiros de visitação das diferentes empresas que atuam nessa comunidade que tem a sua história iniciada na década de 1970.

Pertencente ao distrito de Vila Andrade e parte no Morumbi, Paraisópolis iniciou-se com a ocupação em massa do território onde hoje está localizada entre 1970 e 1975 pelos migrantes das regiões Norte e Nordeste do país (SARMENTO, 2003<sup>3</sup> *apud* BORGES, 2012, p. 16).

<sup>2</sup> A Eco-92 ou Rio-92 foi a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento no ano de 1992. O Rio de Janeiro sediou este evento a fim de discutir, entre delegações de 175 países, questões ambientais para repensar o modelo desenvolvimento econômico que precisava contemplar a preservação da biodiversidade e sustentabilidade (BARRETO, 2009).

<sup>3</sup> SARMENTO, José M. **Paraisópolis: caminhos de vida e morte.** São Paulo: Zouk, 2003.

**Figura 2 – Proporção de domicílios em favelas na cidade de São Paulo em relação ao total de domicílios (%)**



Fonte: Rede Nossa São Paulo (2019).

Atualmente, o principal roteiro turístico existente em Paraisópolis foi desenvolvido e é realizado pela própria comunidade, o Circuito Paraisópolis das Artes. Sendo assim, esse Circuito enquadra-se no conceito de TBC, uma vez que, conforme conceituam Bartholo, Sansolo e Bursztyn (2019, p. 7), a comunidade local é a principal agente ofertante dos produtos e serviços turísticos. É importante ressaltar que segundo o MTUR (2010, p. 17) as primeiras experiências brasileiras de TBC elaboradas independentemente de ações públicas surgiram em meados dos anos 1990. Somente após ter sido reconhecido por órgãos públicos é que interessados no assunto – academia e agentes dessas iniciativas – trabalharam em cima do tema (MTUR, 2010, p. 17).

À vista disso, o TBC vem como uma alternativa para o desenvolvimento de comunidades que procuram no turismo um caminho para a movimentação da economia, para o reconhecimento de sua cultura de um modo geral e/ou também para a preservação ambiental (MTUR, 2010, p. 11). Essas ações, portanto,

“[...] podem ser vistas pelo poder público como um movimento social de resistência ao processo de expansão econômica nos moldes convencionais. Ou podem ser potencializadas de forma complementar à ordem econômica vigente. Estas organizações têm como espaço um território delimitado, no qual se articulam, se mobilizam, e organizam a cooperação estratégica para a inserção no mercado, a

colaboração e a interdependência, e podem incentivar o desenvolvimento endógeno do local” (MTUR, 2010, p. 11).

Semelhantes ao TBC de Paraisópolis, existem outras iniciativas nas favelas do Rio de Janeiro que ajudam a colocar este trabalho no contexto de estudos sobre turismo em favela. Essas iniciativas, assim como o Circuito Paraisópolis das Artes, visam à valorização da produção artística e cultural das comunidades onde estão inseridas e que são iniciativas dos agentes locais. Pode-se dizer que a ONG (Organização Não-Governamental) MUF (Museu de Favela), fundada em 2009, é uma referência dentro desses estudos, uma vez que é o primeiro Museu de Território<sup>4</sup> de favela do mundo e é parte das favelas cariocas do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (PINTO, 2012<sup>5</sup> *apud* SILVA, 2012, p. 69). É interessante observar que o MUF se apresenta como Museu *de* Favela e não Museu *da* Favela, uma vez que a ideia não é apenas retratar as favelas das quais faz parte, mas sim todas as favelas do Rio de Janeiro e a cultura *de* favela (MORAES, 2010, p. 112).

---

<sup>4</sup> “[...] Museu Territorial é um tipo de museu que articula a paisagem a (sic) comunidade através de qualquer tipo de relação entre sociedade e natureza na produção de cultura.” (SCHEINER, 2009 *apud* MORAES, 2010, p. 107-108).

SCHEINER, Tereza. “Que amigos? Para que museus?”. In: Revista Museu.

<sup>5</sup> PINTO, Marcia S. **Os desafios de governança no Museu de Favela: quando o público alvo se transforma em gestor da cultura local.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

### **3 JUSTIFICATIVA**

O estudo escolhido é de relevância enquanto fenômeno social tanto para o turismo quanto à ampliação do conhecimento acerca da dinâmica socioeconômica e cultural dentro das favelas e para a associação entre os temas (turismo e/em favelas). O foco é a favela de Paraisópolis localizada na cidade de São Paulo. Diante da escassez de informações sobre a entrada da atividade turística na favela, parece importante avançar em estudos que se proponham a investigar, discutir e analisar o fenômeno turismo em Paraisópolis e seus rebatimentos em outras dimensões da vida na favela.

É preciso pensar o turismo em outras lógicas que não a do mercado formal de grandes grupos econômicos normalmente presentes em outros TCC. Outro motivo, portanto, para a escolha deste tema é a necessidade de pensar criticamente sobre a atividade turística e olhar formas de turismo que não só as já consagradas no mercado formal e/ou as que se preocupam em formatar produtos turísticos à luz de conceitos definidos pelo mercado.

Ademais, com estudos como este, pretende-se avançar no conhecimento do fenômeno turístico, bem como conhecer iniciativas para além do que já se conhece e estuda-se tradicionalmente no âmbito do mercado formal e das instituições clássicas que empreendem turismo. Trata-se de um tipo de turismo que cresce sem que os profissionais da área de turismo reflitam a respeito, sendo assim, este trabalho pretende articular todos os meus conhecimentos adquiridos ao longo do curso para refletir sobre uma prática que não só tem rebatimentos econômicos, mas também sociais, culturais e políticos.

## 4     OBJETIVOS

Os objetivos desse trabalho estão divididos em geral e específicos, como segue.

### 4.1   GERAL

Compreender quais são as razões que levam à exploração de visitas a favelas, quais são as suas motivações, quais são os impactos dessa prática e como tem se desenvolvido em Paraisópolis.

### 4.2   ESPECÍFICOS

- Registrar a história/memória do turismo em favelas no mundo, no Brasil e em São Paulo;
- Analisar a atividade turística em Paraisópolis: contextualização e impactos;
- Conhecer, detalhar e comparar os diferentes roteiros de visitações: Circuito Paraisópolis das Artes, Favela Arts Tour e Favela São Paulo City Tour (*Slum*);
- Compreender as razões pelas quais algumas agências de viagem que operavam roteiros dentro de Paraisópolis interromperam suas ações ou diminuíram sua frequência;
- Discutir algumas consequências que a atividade traz aos moradores de Paraisópolis.

## 5 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Para a construção deste trabalho adotou-se uma pesquisa exploratória e qualitativa. Portanto, este capítulo recupera pesquisas bibliográficas, autores e publicações que tratam do histórico do turismo de favela e seus desdobramentos no mundo e no Brasil. Freire-Medeiros (2009), como já mencionado, é uma importante referência neste tema. Seu estudo é pautado pelo turismo nas favelas do Rio de Janeiro, atentando para suas origens no contexto mundial. Alessi (2009) e Borges (2012) complementam essa ideia tratando do tema e objeto de pesquisa em questão.

Além do turismo de favela, pesquisas acerca das iniciativas de TBC em outras favelas brasileiras também foram realizadas a fim de explorar como são seu reconhecimento, estruturação e como se dá o desenvolvimento social baseado no turismo em casos similares a Paraisópolis. O MTur, ademais de reconhecer e apoiar trabalhos ligados a esse segmento, em 2008 passou a fornecer recursos a essas atividades e em conjunto com a academia passou a estudá-los, destacando os levantamentos de Bartholo; Sansolo; Bursztyn (2009) e Silva, Ramiro e Teixeira (2009). Outra experiência de TBC a ser analisada é a da ONG MUF no Rio de Janeiro, como uma referência atual envolvendo agentes da comunidade e visitantes externos.

A escassez de bibliografia sobre o tema requer a complementação das informações por meio de trabalho empírico. Deste modo, a pesquisa também envolveu trabalho de campo com visita a Paraisópolis no dia 30 de março de 2019 para a realização do Circuito Paraisópolis das Artes sob guiamento de Gilson Rodrigues, atual presidente da UMCB, na intenção de conhecer *in loco* a realidade estudada, identificar interlocutores e coletar dados e informações atualizados.

Por fim, também foram realizadas entrevistas com representes das agências/operadoras de viagem presentes no território e com aquelas não mais atuantes em visitas a Paraisópolis. Como o problema de pesquisa é exatamente entender e comparar os diferentes passeios que acontecem na favela, a compreensão da forma como essas empresas operam e/ou operavam permitiu enriquecer a análise mostrando as diferentes formas de atuação do turismo na referida favela. As entrevistas aconteceram por telefone e os nomes dos profissionais foram ocultados a fim de proteger as suas identidades, por isso são tratados neste trabalho como profissional I e profissional II respeitando a ordem das entrevistas realizadas – 10 de julho de 2019 e 26 de setembro de 2019, respectivamente.

*“Vamos entrar, caro leitor, no interior da Comunidade Paraisópolis, a qual o plano diretor da cidade de São Paulo considera como piloto de uma ação integrada. Breve histórico, para o leitor conhecer, de saída, o que está sendo narrado nestas páginas.”*

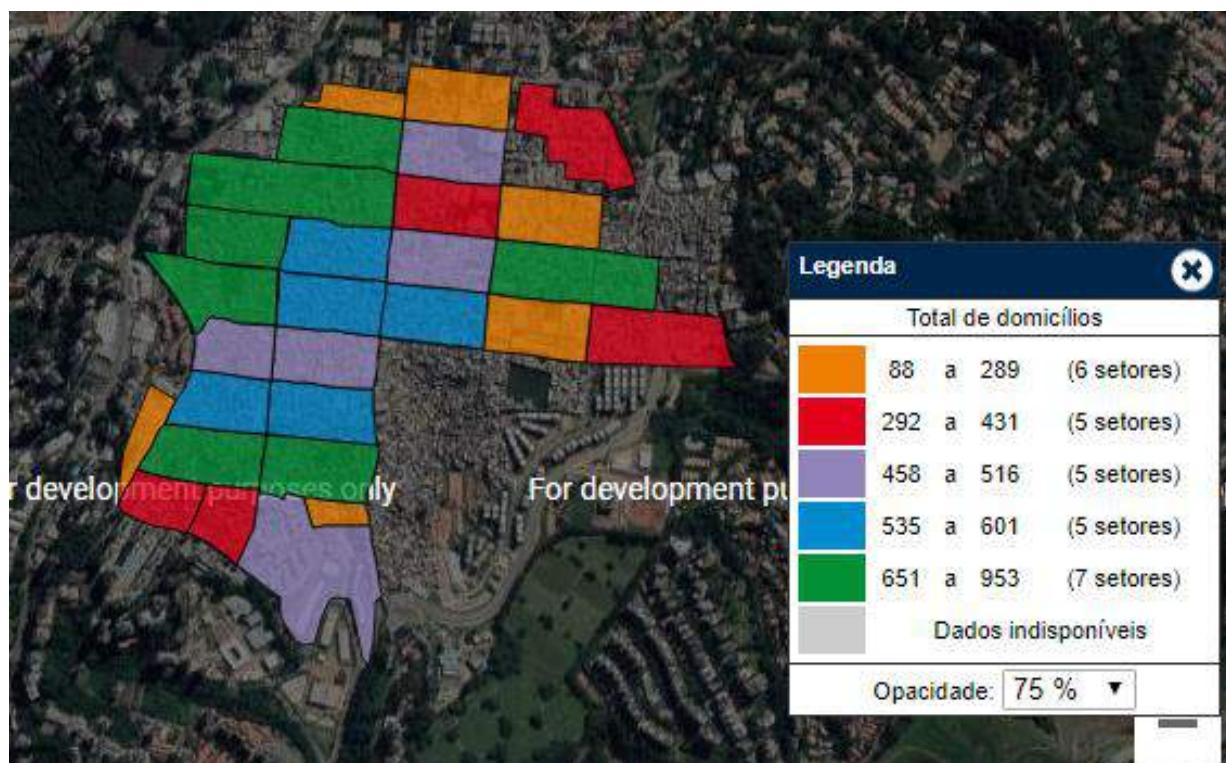
(SARMENTO, 2003, p. 7)

## 6 BEM-VINDOS A PARAISÓPOLIS

Dados oficiais mostram que Paraisópolis e a favela de Heliópolis formam o conjunto de favelas mais importantes do espaço urbano da cidade de São Paulo (ALESSI, 2009, p. 10). De acordo com o *Censo Demográfico 2010: Aglomerados Subnormais* do IBGE, Paraisópolis contava com 13.071 domicílios ocupados e 42.826 habitantes naquele ano, ficando entre as dez maiores favelas do Brasil (IBGE, 2010c), além de possuir a maior densidade demográfica segundo o *Censo Demográfico 2010: Características da População e dos Domicílios* (IBGE, 2010d).

Durante entrevista realizada com o atual presidente da UMC, Rodrigues (2019), durante o Circuito Paraisópolis das Artes em 30 de março de 2019, ele contestou esse dado e estimou que Paraisópolis é composta atualmente por 100.000 habitantes, sendo 85% desse total nordestinos ou filhos de nordestinos. Ainda segundo ele há 20.000 estabelecimentos comerciais que empregam 20% da comunidade (informação verbal)<sup>6</sup>.

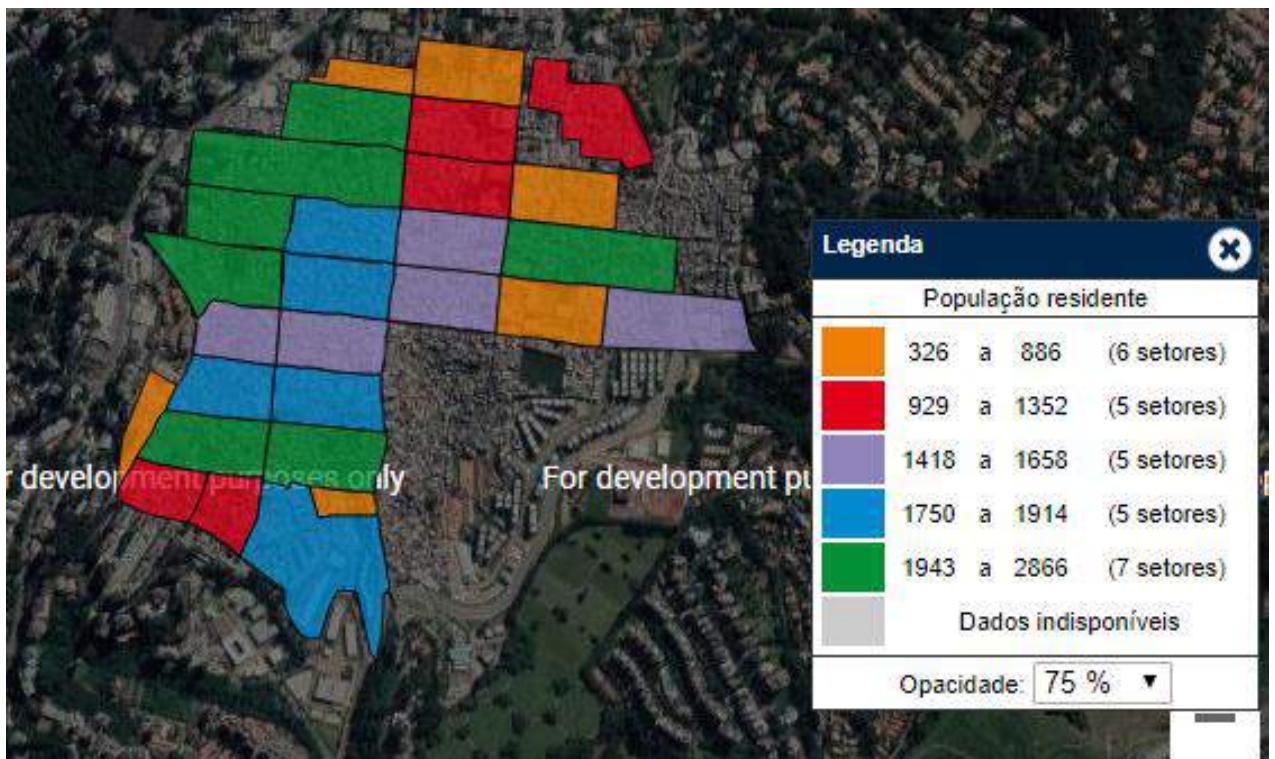
**Figura 3 – Total de domicílios em Paraisópolis**



Fonte: Adaptado de IBGE (2010b).

<sup>6</sup> Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

**Figura 4 – População residente de Paraisópolis**



Fonte: Adaptado de IBGE (2010b).

A história de Paraisópolis remete a meados do século XIX, momento em que a fazenda Morumbi ocupava o território onde atualmente se localiza a favela (BORGES, 2012, p. 16). Essa propriedade foi transmitida para algumas gerações, todavia, em um dado período, os herdeiros deixaram de reivindicar a posse dessas terras o que resultou em seu loteamento pelo governo. Já que os proprietários não as ocuparam, os japoneses começaram, no início dos anos 1930, a criar suínos nas pequenas propriedades. É na década de 1950 e, posteriormente, entre os anos de 1970 e 1975, que a apropriação em massa se iniciou majoritariamente por nortistas e nordestinos brasileiros – mesma época em que se deu o desenvolvimento urbano-mobiliário do bairro do Morumbi (SARMENTO, 2003<sup>7</sup> *apud* BORGES, 2012, p. 16).

As propriedades não foram negociadas, mas sim obtidas por meio de ações individuais de usucapião urbano (BALTRUSIS, 2000, p. 83-84). Rodrigues (2019) ainda ressalta que esses migrantes eram principalmente trabalhadores da construção civil que vieram para São Paulo para dedicarem-se às construções do Estádio do Morumbi e do Hospital Israelita Albert Einstein (informação verbal)<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> SARMENTO, José M. **Paraisópolis: caminhos de vida e morte**. São Paulo: Zouk, 2003.

<sup>8</sup> Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

O presidente da UMCP e sua família são exemplos reais deste fato. Rodrigues (2019) contou durante a visita à Paraisópolis que quando a sua família chegou ao local há aproximadamente 60 anos, a expectativa era de que ficassem ricos e pudessem oferecer educação aos filhos. Ele diz que

Ninguém sonha em morar na favela. A gente não sonhou em morar em cima do córrego ou morar em cima de uma área de risco ou coisa do tipo que nós passamos aqui. Então a gente veio para cá encantados de morar no Paraisópolis, no Morumbi, porque ninguém falava que era Paraisópolis antes, né, então quando as pessoas diziam que moravam no Paraisópolis, a gente tinha que dizer que morava no Morumbi porque você não tinha emprego, não tinha oportunidades (informação verbal)<sup>9</sup>.

Quando ele chegou, o local ainda era formado por barracos, não possuía ruas asfaltadas, água canalizada e as pessoas viviam sob constante risco de serem removidas a qualquer momento.

Paraisópolis é uma comunidade com plano de tornar-se um bairro: a Nova Paraisópolis, mas, para que isso aconteça, é preciso obras de urbanização para que o local se transforme finalmente em um bairro (informação verbal)<sup>10</sup>. Entende-se por urbanização de favelas a ação de “[...] levar infraestrutura urbana a essas áreas [favelas e loteamentos irregulares], como abrir e pavimentar ruas, instalar iluminação pública, construir redes de água e de esgoto e criar áreas verdes e de lazer, além de espaço para escola, creche e posto de saúde” (PMSP, 2009). Esta é a definição adotada pela prefeitura da cidade de São Paulo para explicar o Programa de Urbanização de Favelas sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB).

Urbanização e regularização fundiária dessas áreas eram os focos do programa. O objetivo era entender e enfrentar o problema habitacional da cidade de São Paulo para que pudessem ser garantidas moradias dignas, este que é um direito definido no artigo 6º da Constituição Federal de 1988: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, **a moradia** (grifo nosso), o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988). Ademais, o programa também está de acordo com os objetivos da política de habitação do Plano Diretor Estratégico (PDE), Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014, artigo quinto, que valida o artigo constitucional (SÃO PAULO, 2014).

<sup>9</sup> Os trechos da entrevista foram transcritos da forma como foram narrados.

Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

<sup>10</sup> Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

Paraisópolis teve o seu orçamento de obras para urbanização girando em torno de R\$17,2 milhões (PMSP, 2005). O projeto para a favela visou integrar os núcleos Paraisópolis, Jardim Colombo e Porto Seguro à cidade formal mediante a “[...] regularização urbanística e fundiária, com acesso à infra-estrutura (sic), à inclusão social e à melhoria de suas condições ambientais, de habitabilidade e saúde” (SEHAB, 2008, p. 65).

Contudo, esses projetos já eram sonhos dos moradores de Paraisópolis desde muito antes. Em meados dos anos 1998, na escola onde Rodrigues estudava, ele e seus amigos iniciaram um processo a fim de mudar o ensino para que eles tivessem mais chances de evolução na vida. Não tinham intenção de sair de lá, mas sim de transformar o lugar onde moravam para que todos tivessem melhores oportunidades (informação verbal)<sup>11</sup>.

Foi assim que por meio de iniciativas do grêmio estudantil da escola ele e seus companheiros deram início a pequenas ações dentro da escola. Rodrigues (2019) conta que quando se formou foi convidado para integrar a UMCP. Ainda havia muita discordia entre as lideranças, pois elas se desentendiam por diversos fatores, e, consequentemente, não conseguiam manter uma gestão. Por essa razão, remodelaram o antigo modelo de estatuto e deram origem a um novo que contemplasse uma causa capaz de unificar a todos. Para isso, entrevistas com a população foram feitas e, ao final, perceberam que os anseios de todos eram por características que existem em bairros: iluminação, saneamento básico, asfaltamento etc.

Assim, nasceu a campanha “Todos Unidos por uma Nova Paraisópolis” com a finalidade de criar um projeto de transformação do bairro para converter a favela em um bairro com três linhas de atuação consensuais: 1. Urbanização com garantia de moradia; 2. Trabalho e emprego com carteira assinada, com parceiras de lugares como o Sesi, Carrefour, Pão de Açúcar etc., e criação de uma agência comunitária de emprego em Paraisópolis, que atua até hoje facilitando o processo de contratação; 3. Alfabetização e universidade, pois existiam cerca de 13.000 pessoas analfabetas ou semianalfabetas, somente três escolas e muitas crianças fora de creches. Com as novas lideranças e o novo programa, Paraisópolis se tornou um grande canteiro de obras: todas as ruas foram asfaltadas, um córrego foi canalizado, 14 escolas foram construídas, três unidades básicas de saúde (UBS), um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e 4.000 unidades habitacionais (UH) (informação verbal)<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

A ideia era desmistificar o pensamento de que tudo era impossível na favela, o que implicou na necessidade de trazer diversas empresas para dentro da comunidade. Hoje, Paraisópolis conta com uma Casas Bahia e quatro bancos: Bradesco, Santander, Caixa Econômica Federal e Banco do Brasil. “Paraisópolis pode ser definido como um bairro auto-suficiente (sic). O seu centro comercial abastece as necessidades de consumo básico de sua população” (BALTRUSIS, 2000, p. 127). Ademais, são convidados para vários eventos culturais no exterior – como a Bienal Internacional de Arquitetura da China, na qual foram curadores em 2018 – nos quais, basicamente, são chamados para contar como conseguiram unificar todos os setores, da iniciativa privada ao público em todos os níveis e mesmo a própria comunidade. Ainda assim, eles ainda eram marginalizados por onde passavam. Rodrigues (2019) conta que, quando chegavam, ouviam: “Olha, chegou o pessoal de Paraisópolis. É lá que morre um todo dia” (informação verbal)<sup>13</sup>.

Quanto às ações e projetos urbanísticos feitos na favela, segundo ex-morador Vagner de Alencar, entrevistado por Pizarro (2014) as intervenções muitas vezes não respeitam os desejos da comunidade e algumas obras realizadas ficam abandonadas, pois refletem aquilo que o governo espera para aquele lugar e não o que os moradores anseiam (PIZARRO, 2014, p. 273-274). Outrossim, o ex-morador diz que é preciso contar com uma parcela representativa da favela e não somente com quem está sempre participando, uma vez que quem sofre a realidade também precisa e deve ter a sua opinião levada em consideração.

Para além da falta de representatividade, muitas construções não levam em consideração a cultura da comunidade, que é baseada nas relações sociais e na identidade que criaram. Vagner conta, também em entrevista com Pizarro (2014), por exemplo, que os moradores sabem dos benefícios de se morar em um prédio, porque a vivência nele possibilita uma melhor infraestrutura no que concerne ao saneamento básico, contudo, dentro de um edifício, eles não poderão fazer as festas, reunir os amigos para “tomar um sol na laje”, entre outras atividades de extrema importância para eles.

Para o presidente da UMCP, em entrevista com Pizarro (2014), antes de realizar qualquer tipo de intervenção é preciso que se invista em obras de infraestrutura básica (saneamento básico, energia, asfaltamento de ruas etc.) para que a população tenha o mínimo e a garantia de que não será removida (PIZARRO, 214, p. 275). Ao passo que 94,7% dos domicílios em áreas urbanas do Estado de São Paulo possuem esgotamento sanitário e 87,6%

<sup>13</sup> Os trechos da entrevista foram transcritos da forma como foram narrados.

Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

tem energia elétrica (IBGE, 2010a), essa realidade é de 68,4% e 65,9%, respectivamente, para quem vive nos domicílios em aglomerados subnormais (IBGE, 2010c).

Rodrigues mostrou durante à visita a Paraisópolis em 30 de março de 2019 as UH's da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), que tiveram as suas primeiras unidades entregues em agosto de 2010 pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante a realização do Circuito Paraisópolis das Artes. Ele contou que quem mora nessas UH's ganhou um novo status, uma vez que esses moradores não dizem mais residir em Paraisópolis, mas sim no Morumbi. Quem morava naquela região eram as pessoas mais pobres, posto que eram as famílias mais vulneráveis, morando em cima do córrego, na área de risco, “aí vieram para cá e ficaram ricos [risos]” (informação verbal)<sup>14</sup>, brincou Rodrigues (2019).

Interessante essa sensação de não se sentir parte da cidade, não conhecer a cidade, como se a favela não fizesse parte da malha urbana. Talvez, essa sensação de não pertencimento à cidade, esteja ligada à proximidade dos casarões do Morumbi, verdadeiras fortalezas, tão diferentes da vida na favela, onde todos se conhecem e conversam nas portas das residências (BALTRUSIS, 2000, p. 127).

**Figura 5 – UH's da CDHU mostradas por Rodrigues**



Fonte: Letícia Tavares (2019).

<sup>14</sup> Os trechos da entrevista foram transcritos da forma como foram narrados.

Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

Mesmo estando dentro de Paraisópolis, morar em um prédio regularizado que fora erguido seguindo um planejamento estrutural e de alvenaria sob a supervisão de profissionais especializados, portador dos serviços básicos (água, luz e esgoto) e que funciona corretamente, causa uma sensação de ascensão social aos moradores que foram beneficiados com essas moradias que não são irregulares nem esteticamente parecidas com aquelas da *favela* – além da sensação de pertencimento à cidade que tais construções proporcionam.

## 7 CRONOLOGIA DO TURISMO EM FAPELA

### 7.1 NO MUNDO

Na Era Vitoriana, em meados do século XIX, surgiu o termo *slumming*, proveniente do verbo em inglês *slum* que significa “[...] a tendência a visitar as áreas mais pobres de diferentes cidades, seja com o propósito de fazer filantropia seja apenas por curiosidade” (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 29). Isso porque, naquela época, os cidadãos que, de alguma forma, eram movidos pelo humanitarismo, se sentiam na obrigação de visitar, viver e/ou trabalhar em bairros deteriorados de Londres (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 29). Essa informação deixa claro que o desejo por conhecer a realidade de pessoas socialmente marginalizadas não é algo que se restringe à atualidade. Todavia, Freire-Medeiros (2009, p. 29) também aponta que, para os críticos dessa prática, *slumming* mascarado de altruísmo social era somente um passatempo egoísta que banalizava a pobreza.

Depois de ter passado até por um tipo de paixão – “[...] uma paixão por atravessar as fronteiras entre ricos e pobres, entre o limpo e o sujo, entre o virtuoso e o desprezível” (JAMES, 1977<sup>15</sup> *apud* FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 30) – *slumming* teve o seu declínio durante o final do século XIX e nesse momento já não era mais moda entre a elite. Por isso, foi preciso esperar que o próximo século virasse para que os olhos dos curiosos se voltassem novamente para os pobres e seu modo de vida (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 31).

Para a referida autora, “Nos dias de hoje, a mediação [entre pobres e pessoas pertencentes às classes média e alta da sociedade] se dá pela via do turismo e implica o cruzamento de múltiplas distâncias: 99% dos que consomem a pobreza turística são estrangeiros [...]” (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 32). Em 2018, por exemplo, 500 pessoas realizaram o Circuito Paraisópolis das Artes (número considerado baixo para o presidente da UMC) sendo que, deste total, a maioria era composta por estrangeiros (informação verbal)<sup>16</sup>. Conforme os profissionais II e III<sup>17</sup> entrevistados, a grande maioria de seu público são norte-americanos e europeus, regiões que gozam de privilégios de primeiro mundo.

Sendo assim, com essa volta da prática do *slumming*, para Freire-Medeiros (2009, p. 32), o mercado possibilitou que a pobreza fosse vendida como mercadoria turística, isto é,

<sup>15</sup> JAMES, Henry. *Princess Casamassima*. Londres: Penguin, 1977.

<sup>16</sup> Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

<sup>17</sup> Os nomes dos entrevistados foram ocultados a fim de preservar as suas identidades.

definiu-se um valor monetário para a pobreza. Na tentativa de tentar entender como isso acontece, a autora diz que as pessoas passaram a procurar por “[...] experiências inusitadas, interativas, aventureiras e autênticas [...]” em locais opostos aos destinos turísticos convencionais (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 33). Além disso, esse consumo da pobreza reforça as diferenças socioeconômicas existentes entre os agentes envolvidos, uma vez que essa tendência do *poor chic* revela um outro significado, agora “estiloso” e “divertido”, da pobreza ou dos símbolos a ela associados (HALNON, 2002 *apud* FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 34).

À complicada sobreposição entre dinheiro e emoções soma-se outra igualmente “estranha” sobreposição entre lazer e miséria. O fato de alguém se dispor a pagar para ver outro ser humano que sofre e que isso seja feito durante as férias – período associado à diversão e à alegria – exige do cientista social um esforço de interpretação que de simples não tem nada. Tampouco é tarefa simples participar da realização da pobreza turística para qualquer um dos atores sociais envolvidos, quer estejam na posição de quem cobra, de quem paga ou de quem é a “atração” (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 46-47).

Quem defende esse turismo em localidades pobres levanta a questão de que a atividade pode movimentar a economia da região, promove a consciência social dos turistas e melhora a autoestima de quem os recebe (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 47). Em contrapartida, os críticos dizem que em nenhum caso os benefícios gerados pela atividade são desfrutados da mesma forma por esses receptores e que as visitas não motivam conscientização política ou social, mas sim atitudes deleitosas frente à pobreza e ao sofrimento (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 47); “[...] “crescimento econômico” não é sinônimo de “igualdade social”, como bem sabemos os latino-americanos” (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 47, grifos da autora). Essa sobreposição, portanto, entre dinheiro e emoções dita por Freire-Medeiros, que aparece em muitos momentos de seu livro, aparecerá também em outros momentos deste trabalho, principalmente no capítulo 8.

## 7.2 NO BRASIL

No Brasil existem iniciativas dentro de favelas que buscam apresentar iniciativas de TBC que mostram uma identidade cultural com dignidade; sem essa leitura romantizada ou mesmo estigmatizada. A ONG MUF é um exemplo disso.

A expansão cultural na/da favela deve ser como um sopro de despertar. Deve ultrapassar os limites do território e alcançar a cidade à qual pertence, numa celebração itinerante que divulgue o acervo e os valores do MUSEU DE FAVELA,

em outras favelas, em outras cidades, em outros países. Favela é Cidade. Cultura de Favela é parte da Cultura da Cidade (MUSEU DE FAVELA, 20-?).

Combinando agentes internos e externos, a ONG MUF, pertencente às favelas cariocas do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, foi conceituada em fevereiro de 2008 e fundada um ano depois (PINTO, 2012<sup>18</sup> *apud* SILVA, 2012, p. 69); é o primeiro museu territorial de favela do mundo. Com a participação majoritária de moradores do morro do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, a musealização do território busca salvaguardar a memória dessa comunidade, além da articulação entre essas pessoas locais e a sua cultura (MUSEU DE FAVELA, 20-?).

Após a fundação do museu, nasceu o Projeto TURISMUF (Turismo no Museu de Favela), um projeto de extensão da UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) apoiado pelo Governo do Estado cujo objetivo era a inclusão da comunidade no turismo, promovendo-o como atividade econômica e capacitando seus membros como guias locais de acordo com os critérios do MTur (MORAES, 2010, p. 110). A autora diz que

No Projeto Turismo no Museu de Favela há uma questão fundamental para análise (sic): O desejo do MUF em ser um museu que represente todas as favelas do Rio de Janeiro. Para isso, a ONG está utilizando a institucionalização deste Museu de Favela e do Turismo de Favela para fortalecer a identidade dos moradores de favela e reafirmar sua cultura (MORAES, 2010, p. 114).

A ONG MUF conta, em português e inglês, em seu canal no YouTube o que ele é (MUSEU DE FAVELA MUF, 2014). É um grande roteiro de visitação a céu aberto para mostrar a quem deseja conhecer as manifestações culturais desse território único que é a favela. O MUF conta a história da formação das favelas cariocas, das origens do samba, da cultura do migrante nordestino e do negro e das artes visuais e da dança (MUSEU DE FAVELA MUF, 2014).

Em outro vídeo mais recente, Alini Rangel, atual diretora presidente do MUF, fala um pouco sobre as atividades promovidas pela ONG MUF. Dentre elas tem-se o Circuito das Casas-Tela, que são casas grafitadas que contam a história da comunidade, além de representarem os principais acontecimentos dela; a eco trilha; exposições itinerantes que reúnem entrevistas que contam a história de luta e resistência dos moradores e se dividem em três séries: Mulheres Guerreiras, Velhos Ilustres e, em breve, Despertar de Almas e Sonhos; biblioteca itinerante e CineMUF, entre outras (MUSEU DE FAVELA MUF, 2019).

---

<sup>18</sup> PINTO, Marcia S. **Os desafios de governança no Museu de Favela: quando o público alvo se transforma em gestor da cultura local.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

É difícil datar com exatidão quando se iniciam as práticas de turismo de favela no Brasil; Freire-Medeiros (2009, p. 80) conta em seu livro que há registros de memórias que mostram que em meados dos anos 1940 as favelas cariocas já recebiam visitação. Entretanto, a atividade se tornou massiva somente durante os anos de 1990, sendo a Eco-92 o evento que marca essa transformação da favela como destino turístico, o que, para a autora, não deixa de ser algo irônico, visto que houve tentativas consideráveis por parte do governo – o que contou até com o Exército –, para afastar as favelas do estrangeiro (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 50). “[...] Foi então que a favela saiu das margens da cultura turística para tornar-se uma atração altamente lucrativa e disputada” (FREIRE-MEDEIROS, 2006, p. 06).

Em contrapartida, para Caroline Bottino (2018, p. 24), as visitações que ocorreram antes das favelas cariocas se consolidarem como produtos turísticos não podem deixar de ser consideradas como fundamentais para o alcance desse resultado. Para ela,

[...] Mesmo que ainda no final do século XIX, quando começaram as primeiras expedições, não fosse cobrado nada pelos que mediavam essas visitas, ainda assim, devemos considerar esse processo como precursor do turismo o que deslegitima o discurso de que tudo começou com a ECO-92. Esse marco temporal é apenas para a atividade turística de forma organizada, para a exploração do espaço como atrativo turístico, ou seja, como produto a ser comercializado, pois visitar a favela como aqui vemos, tem seu início junto com o surgimento dessas áreas [...] (BOTTINO, 2018, p. 24).

Uma cronologia dessas visitações é construída ao longo de seu artigo *Das Primeiras Expedições ao Turismo Organizado: a trajetória das visitações nas favelas da cidade do Rio de Janeiro*. As favelas cariocas provocam as autoridades e a população geral desde o seu surgimento, tendo grande conexão como o *slumming* – fenômeno inglês já citado anteriormente. Para Bottino (2018, p. 25), “O interesse em visitar as áreas pobres de uma cidade fez parte do desejo dos turistas e despertava a curiosidade dos cidadãos desde o final do século XIX”.

No caso do Rio de Janeiro, essa prática se limitou no início a “[...] políticos, cronistas, jornalistas, higienistas, arquitetos [também celebridades, eclesiásticos e membros da nobreza]” (BOTTINO, 2018, p. 25) e a outras pessoas com algum prestígio. A curiosidade era o que movia essas pessoas para esse local desconhecido, carente e ainda não explorado (BOTTINO, 2018, p. 26).

Foi sob a justificativa do movimento higienista e embelezamento da cidade que se sustentaram os primeiros relatos levantados por Bottino (2018, p. 27-28). Isto deixa claro que mesmo com a presença de visitantes importantes nas *favellas* (grafia da palavra na época), o local ainda era o calcanhar de Aquiles da capital carioca, a desigualdade que o governo não

conseguia combater. Contudo, é na prefeitura de Pedro Ernesto, entre 1932 e 1934, nomeado pelo governo de Getúlio Vargas, que as favelas passaram a ser vistas como áreas vantajosas para realizar acordos políticos ao invés de áreas a serem extintas, isso porque o prefeito era muito populista e intermediou a relação entre os moradores das favelas e o governo (BOTTINO, 2018, p. 30).

É nesse momento também, mesmo ainda com a pobreza e nela a negligência por parte do poder público, que esse tipo de ocupação se alastrou para outras zonas da cidade, deixando de se concentrar apenas no centro (BOTTINO, 2018, p. 30).

A partir daí, a favela foi oficialmente utilizada como peça de campanha de promoção do turismo no Brasil e para estrangeiros. Tornou-se tema de canções, poesias, filmes e inspiração para criação de um personagem de animação da Disney: o Zé Carioca. A Cidade de Deus e a Rocinha receberam em 1975 o então presidente parisiense, Jacques Corbon, o morro do Vidigal recebeu o Papa João Paulo II em 1980, em março de 1986 veio a Princesa Anne, membro da família real Britânica (e que já conhecia a favela Santa Marta), visitar o Morro do Cantagalo e em 1984, 1985 e 1986 o morro do Pavão e Pavãozinho recepcionou figuras políticas internacionais, respectivamente: Jimmy Carter (presidente dos Estados Unidos da América), François Mitterand (presidente da França) e Edward Kennedy (senador democrata estadunidense) (BOTTINO, 2018, p. 30-33).

Gradativamente o número de visitantes ilustres que incluíram a favela em seu roteiro pela cidade do Rio de Janeiro foi aumentando e tornando-se cada vez mais frequente, assim como a diversificação nas opções de favelas a serem visitadas, onde já começamos a observar uma migração das favelas da zona central, muito procuradas até meados da década de 1930, para as favelas que foram surgindo e se consolidando na zona sul da cidade (BOTTINO, 2018, p. 33).

Foi então que a Eco-92 fez com que o recorde de visitação às favelas por estrangeiros fosse atingido, proporcionando a criação de muitos roteiros turísticos pela cidade, em consonância ao que diz Freire-Medeiros (2006, p. 06), além da democratização do *favela tour*, agora parte do turismo carioca. Ao contrário do que era antes deste evento, agora a mídia não mais anuncia a favela a fim de depreciá-la, mas sim para divulgar esse turismo em favela. “[...] de fato, nesse momento a atividade popularizou-se entre os turistas estrangeiros que vinham para o Brasil na década de 1990” (BOTTINO, 2018, p. 33-34).

A lista de visitações célebres continuou a crescer. Bottino (2018, p. 34-35) destaca, sobretudo, a ida do rei do pop, Michael Jackson, ao morro Dona Marta, local escolhido para gravação do videoclipe da música *They don't care about us*, em 1996. Segundo ela, ainda que

muitas visitas tenham sido descritas, a de Michael “[...] foi a mais emblemática de todas, pela sua repercussão na mídia e o despertar de análises mais profundas sobre a exploração da favela pelos meios de comunicação e pela indústria do turismo” (BOTTINO, 2018, p. 34-35).

Não obstante às críticas e a movimentação política e de empresários para que o cantor fosse proibido de usar o local como cenário de sua filmagem, o videoclipe foi concluído e promoveu ainda mais visibilidade às favelas cariocas, em especial àquela onde fora gravado, descentralizando os focos até então sobre a Rocinha, Vidigal e Providência (BOTTINO, 2018, p. 35). Freire-Medeiros (2009, p. 19) conta que “Desde esse episódio tão controverso, muita coisa mudou. A pobreza no Brasil, se antes já não era segredo, hoje é incontestavelmente uma atração turística”.

Seguindo a cronologia das visitas, Bottino (2018, p. 35-37) descreve que em 1997, Bill Clinton, presidente estadunidense, conheceu a favela da Mangueira; Margrethe II, rainha da Dinamarca, foi ao morro do Pereirão em 1999; no mesmo ano, os Chefes de Estado que foram para a Cimeira, evento para tratar dos progressos desde a Eco-92, conheceram o morro da Serrinha – tal fato não foi capaz de alavancar o turismo nessa favela; Sean Scully, renomado pintor irlandês, foi até a Rocinha em 2002 e optou por fazer o seu passeio desacompanhado; em 2009, os membros da realeza Britânica, Príncipe Charles, que já tinha estado no Brasil anteriormente, e sua esposa, visitaram a favela da Maré; também em 2009, Madonna assistiu algumas apresentações artísticas no morro Dona Marta; junto com a sua família, Barack Obama, presidente dos Estados Unidos da América, conheceu a Cidade de Deus; por fim, com a Jornada Mundial da Juventude em 2013, o Papa Francisco esteve no Rio de Janeiro e escolheu a favela Varginha para a celebração de uma missa.

A lista não tem fim. Muitas figuras importantes continuaram e continuam a visitar as favelas cariocas. Para Bottino (2018, p. 38), a mídia, que foi a responsável por veicular essas visitações, contribuiu (e ainda contribui) para a construção do imaginário em torno da favela. O turismo, portanto, “[...] viu o potencial desse espaço e decidiu explorar esse imaginário” (BOTTINO, 2018, p. 38).

### 7.3 EM SÃO PAULO

A favelização, ou seja, o processo de surgimento das favelas, tornou-se uma questão incômoda na cidade de São Paulo a partir dos anos 1980, período em que se multiplicou o número de favelas e famílias faveladas na cidade (BALTRUSIS, 2000, p. 88). Para Baltrusis (2000, p. 86-89), o que explica esse fenômeno são dois fatores: i) a economia da cidade de São

Paulo, que foi afetada pela descentralização dos centros industriais que migraram para as cidades do interior, diminuindo a oferta de empregos na capital e aumentando a pobreza; e ii) a carência das políticas públicas destinadas à construção de novas unidades habitacionais. O relatório da FIPE/SEHAB (FIPE/SEHAB, 1994 *apud* BALTRUSIS, 2000, p. 90) mostra que

[...] 47,5% dessa nova população favelada, provém de casas alugadas ou, próprias; e a opção pela favela está relacionada diretamente ao “processo de redução da renda real dos assalariados urbanos e/ou aumento do desemprego, fenômeno presente na economia brasileira na última década”; constituição de novas famílias e busca pela melhoria na qualidade de vida, que pode ser “observada na oferta de serviços públicos água, luz, coleta de lixo (o que) torna a favela uma alternativa bem mais favorável que há décadas atrás” (FIPE/SEHAB, 1994<sup>19</sup> *apud* BALTRUSIS, 2000, p. 90).

A favela de Paraisópolis, com seus becos, construções irregulares e carência dos serviços básicos, tem parte de seu território ocupando a região do bairro do Morumbi, local onde o metro quadrado de um apartamento de somente um dormitório custa em média R\$8.110,00 (ZS IMÓVEL, 2019). Taschner e Bóguus (TASCHNER; BÓGUS, 2000<sup>20</sup> *apud* BALTRUSIS, 2000, p. 93) dizem que

São Paulo tem características das demais cidades brasileiras, nas quais a estreita convivência entre o privilégio e a pobreza se dá num mesmo espaço. (...) Embora presente em todo o tecido urbano de São Paulo, só na década de 1990 a degradação torna-se visivelmente escandalosa, com o cinturão de miséria aproximando dos antigos espaços do poder e da riqueza (TASCHNER; BÓGUS, 2000 *apud* BALTRUSIS, 2000, p. 93).

Mesmo com esse cenário Paraisópolis começou a receber, por volta do ano de 2006, visitantes interessados em conhecer os seus artistas, assim como as favelas do Rio de Janeiro: Berbela, apelido de Antônio Ednaldo da Silva, artista conhecido por produzir obras de arte com todo tipo de material descartado em sua oficina mecânica; Estevão – ou Gaudí de Paraisópolis, como é conhecido –, jardineiro que construiu dentro de sua casa uma escultura de concreto e diversos objetos a partir de uma roseira que cresceu além do esperado; e Antenor, homem aposentado que construiu a Casa de PET, nome em alusão ao material Politereftalato de etila usado pelo artista para a construção de sua casa (BORGES, 2012, p. 10-11). Esses artistas chamam tanto a atenção que suas construções também apareceram em 2015, juntamente com todo o cenário da favela, nas cenas da novela das sete da Rede Globo, *I Love Paraisópolis*.

---

<sup>19</sup> FIPE/SEHAB (1994). Estudo das favelas e cortiços na cidade de São Paulo, visando conhecer em profundidade as condições atuais destes tipos de agrupamentos urbanos para servir de orientação aos programas para população de baixa renda e reassentamento urbano da SEHAB – Relatório Final: Favela, vol. 1, São Paulo.

<sup>20</sup> TASCHNER, Suzana P.; BÓGUS, Lucia M. M. A cidade dos anéis: São Paulo. In: **O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade** [S.l: s.n.], 2000.

**Figura 6** – Arte de Berbela na abertura da novela *I Love Paraisópolis*



Fonte: Ducati (2015).

Os turistas vão ao local guiados pela própria UMCP ou por empresas privadas externas a Paraisópolis que também têm um guia da comunidade acompanhando. Os papéis exercidos pelos diferentes agentes envolvidos – guias externos, guias locais e turistas – são fundamentais para a construção da favela em questão como destino turístico (BORGES, 2012, p. 10).

**Figura 7** – Paraisópolis vista do topo da casa do Gaudí de Paraisópolis



Fonte: Letícia Tavares (2019).

#### 7.4 TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Pode-se dizer que o TBC é aquele que tem a comunidade local como protagonista na oferta dos produtos e serviços turísticos (BARTHOLO; SANSOLO; BURSZTYN, 2019, p. 7). Todavia, conforme a publicação *Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública* (MTUR, 2010a), não há um consenso conceitual sobre esse segmento turístico devido à divergência entre as experiências e à origem da localidade e ponto de vista político de quem está por trás da organização e viabilização da experiência (MTUR, 2010a, p. 15).

Mesmo com a falta de concordância sobre os conceitos, o MTur (MTUR, 2010a, p.16-17) extraiu alguns princípios em comum presentes nos diferentes conceitos apresentados na publicação:

- autogestão;
- associativismo e cooperativismo;
- democratização de oportunidades e benefícios;
- centralidade da colaboração, parceria e participação;
- valorização da cultura local e, principalmente;

- protagonismo das comunidades locais na gestão da atividade e/ou na oferta de bens e serviços turísticos, visando à apropriação por parte destas dos benefícios advindos do desenvolvimento da atividade turística.

Em termos de história, é a partir volta dos anos de 1990 que remontam as experiências de TBC no Brasil, as quais foram estruturadas independentemente de ações públicas (MTUR, 2010a, p. 17). Em 2003, quando se constitui o MTur, é que

[...] as iniciativas de TBC são reconhecidas pelo órgão como um fenômeno social e econômico em algumas regiões do País, por meio de organizações não governamentais e pesquisadores do tema, como porta-vozes das iniciativas de TBC. Esses porta-vozes demandam por um canal de interlocução com o poder público, que reconheça a importância do TBC e estabeleça projetos a favor do fortalecimento desta forma específica e inovadora de ofertar serviços turísticos (MTUR, 2010a, p. 17).

Foi entre os anos de 2006 e 2007 que tanto os pesquisadores quanto os responsáveis pelas iniciativas desse tipo de turismo pleitearam uma ação mais estruturada e com reconhecimento de TBC por parte do poder público. O MTur e outros órgãos do Governo Federal decidiram, mediante processo seletivo de projetos, respaldar o desenvolvimento do TBC com uma ampliação do conceito desse turismo a fim de levar em consideração e respeitar a diversidade dos projetos existentes (MTUR, 2010a, p. 17).

O *Plano Nacional de Turismo 2007-2010: uma viagem de inclusão (PNT 2007-2010)* continha a política pública de turismo nacional com a ação de estímulo ao TBC e uma das premissas desse plano falava sobre o turismo como um meio para alcançar “[...] à erradicação da extrema pobreza e da fome, à garantia de sustentabilidade ambiental e ao estabelecimento de uma parceria mundial para o desenvolvimento”, além de considerar a distribuição de renda e diminuição das desigualdades resultantes do crescimento do mercado (MTUR, 2010a, p. 18<sup>21</sup> *apud* MTUR, 2007).

Favorecer a geração de renda e trabalho no local; coordenar e consolidar os agentes das comunidades locais para uma eficaz gestão e oferta de bens e serviços turísticos; inovar e diversificar os novos destinos turísticos e também os já consolidados a fim de agregar valor a eles; impulsionar o fluxo de turistas que buscam por esse tipo de segmento; fomentar uma relação sustentável entre a comunidade e os turistas de forma a favorecer a população e oferecer um turismo de experiência para que o turista possa conhecer e participar da realidade local são alguns dentre os objetivos dessa ação de estímulo ao TBC. Esses estão em consonância com o que está proposto no *Edital de Chamada Pública de Projetos de Turismo de Base Comunitária*

---

<sup>21</sup> MTUR. **Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública.** Brasília: Ministério do Turismo, 2010a.

*do MTur*, apresentado em 2008 com o intuito de entender melhor as iniciativas de TBC, visto o potencial desse segmento, e dar suporte para que elas sejam colocadas em prática de forma efetiva e com retornos socioeconômicos (MTUR, 2010a, p. 18-19).

Dos 50 projetos selecionados no *Edital de Chamada Pública de Projetos de Turismo de Base Comunitária do MTur*, somente dois tratavam de turismo em favela: Tecendo Redes de Turismo Solidário e Turismo no Morrinho, ambos da cidade do Rio de Janeiro (SILVA; RAMIRO; TEIXEIRA, 2009, p. 366).

O Tecendo Redes do Turismo Solidário tem como instituição promotora a Associação das Costureiras Autônomas do Morro do Cantagalo. O projeto busca fortalecer a Rede de Turismo Receptivo de Base Comunitária e Solidária do Cantagalo, Pavão, Pavãozinho por meio do protagonismo de jovens das comunidades em questão. Além disso, visa ao incentivo para que 65 desses jovens se tornem artistas da pintura Naif – já dominada por outros da comunidade – e também aprendam a arte da serigrafia (SILVA; RAMIRO; TEIXEIRA, 2009, p. 465-466). Desde 1999 são realizadas atividades de turismo nos morros do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho nos moldes de TBC e, sendo o foco o protagonismo da comunidade local, evidencia-se que nas favelas, onde vivem muitos cariocas, há “[...] cultura genuína, cultura de raiz, tradição, cooperativismo popular, criatividade e solidariedade” (SILVA; RAMIRO; TEIXEIRA, 2009, p. 466).

A ONG Morrinho é a instituição promotora do Turismo no Morrinho. Morrinho é uma maquete de 300m<sup>2</sup> ao livre que reproduz um conjunto de favelas cariocas com tijolos e materiais reciclados, ideia do recém-chegado à cidade maravilhosa na época de sua confecção, Nelcirlan Souza de Oliveira. “O caráter único e inovador da maquete são reconhecidos atualmente por experientes críticos de arte como uma legítima manifestação artística contemporânea” (SILVA; RAMIRO; TEIXEIRA, 2009, p. 468). Em 2001 surgiu a ONG Morrinho, a qual conta até hoje com parcerias cuja finalidade é o desenvolvimento social, cultural e econômico do local e arredores por meio da formação e capacitação de jovens e adolescentes da comunidade.

**Figura 8 – Detalhes da obra Morrinho**



Fonte: Projeto Morrinho. Revolução Artística (2019).

## 8 TURISMO EM PARAÍSOPOLIS

### 8.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O turismo em Paraisópolis ainda é muito incipiente quando comparado ao que existe nas favelas do Rio de Janeiro em termos de temporalidade, incentivos e até mesmo se consideradas as desvantagens de sua localização para o turismo em São Paulo.

No que diz respeito à temporalidade, na favela paulistana a atividade está presente desde, aproximadamente, o ano de 2006 (BORGES, 2012, p. 9) e poucas agências ainda realizam passeios no local, enquanto que, como já citado anteriormente, há relatos antigos de viajantes que conheceram as favelas cariocas e existem diversas agências em atuação, com os mais diferentes tours, meios de transporte e atrações (FREIRE-MEDEIROS, 2009).

Em relação aos incentivos, em Paraisópolis não houve estímulo para a sua inserção no circuito turístico da cidade de São Paulo por parte do governo paulista como houve em algumas das favelas do Rio de Janeiro. Em 2010, o MTur e o governo do Rio de Janeiro lançaram o Rio Top Tur: projeto piloto turístico de inclusão das comunidades pacificadas da cidade ao circuito de turismo da capital carioca, uma tentativa do MTur de apoiar e incentivar o TBC (MTUR, 2010b).

O projeto *Rio Top Tour: o Rio de Janeiro sob um novo ponto de vista* foi lançado em 30 de agosto de 2010 no Morro Santa Marta, favela do bairro do Botafogo na capital carioca. Seu objetivo era dar oportunidades aos moradores no turismo dentro das comunidades. Ele previa

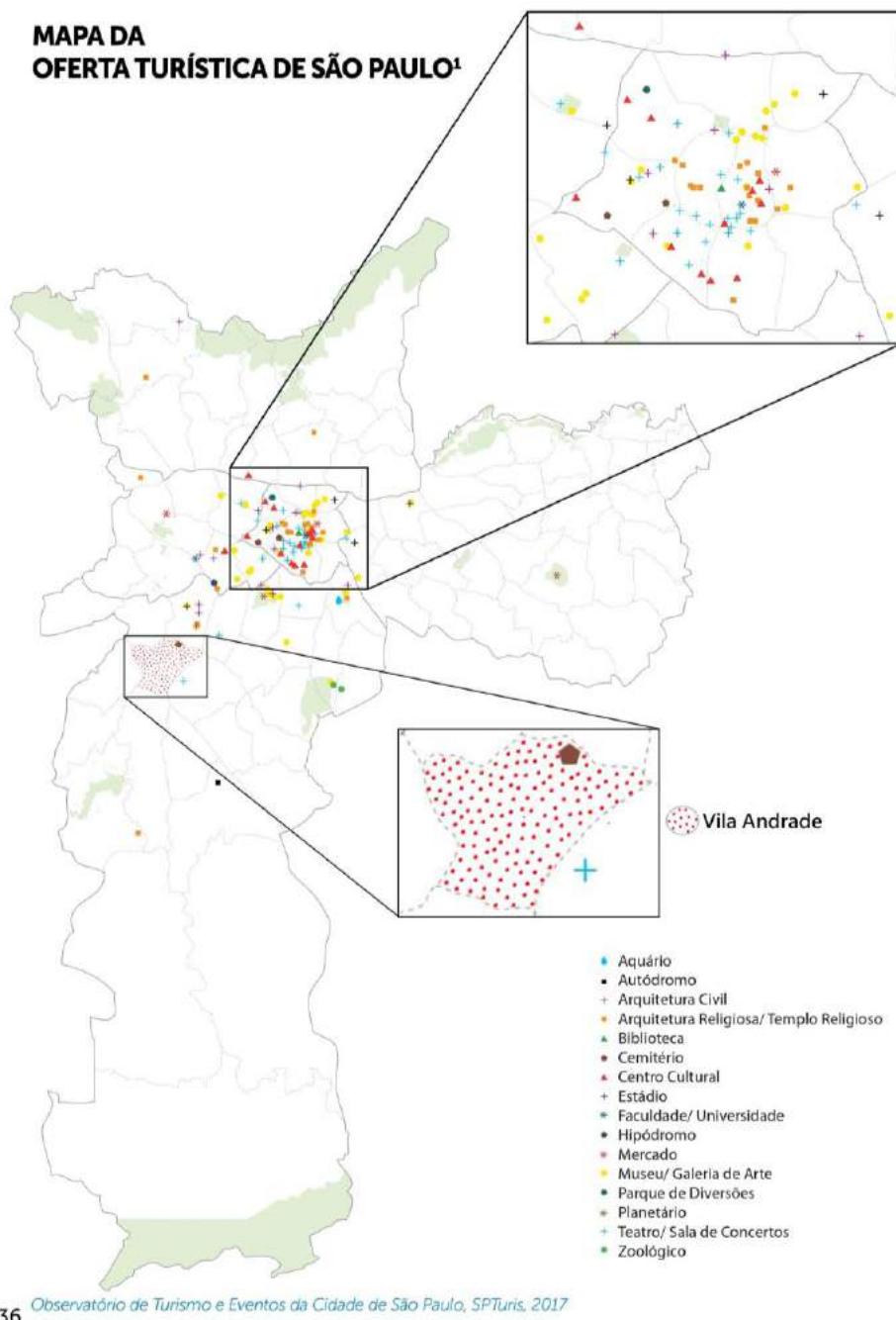
[...] capacitação de moradores e comerciantes, através de uma oficina de monitores de turismo local, com 50 vagas gratuitas; programa de microcrédito, que vai de R\$ 300 a R\$ 6 mil por negócio; implantação de sinalização turística bilíngue; divulgação turística; placas informativas espalhadas por toda a comunidade; instalação de quiosque de informação na Praça Corumbá; orientações de estagiários bilíngues e de moradores que estarão cursando a oficina de empreendedorismo oferecida pelo Sebrae (ROMAR, 2010).

Além do Morro Santa Mara, as comunidades a serem beneficiadas eram: Morro da Providência, Chapéu Mangueira/Babilônia, Pavão Pavãozinho/Cantagalo, Tabajaras/Cabritos, Borel e Cidade de Deus (ROMAR, 2010).

Por fim, Paraisópolis está localizada na zona sul paulistana, mais especificamente no distrito da Vila Andrade e parte do Morumbi, com administração da subprefeitura de Campo Limpo (BALTRUSIS, 2000, p. 99). Está a 10,8 km do Parque Ibirapuera, 11,5 km da Av.

Paulista e 14,5 km do centro de São Paulo (GOOGLE, 2019), ou seja, distante das principais atrações turísticas de São Paulo segundo o TripAdvisor (2019), o que se pode visualizar na figura 9 com os principais atrativos turísticos da cidade, segundo a São Paulo Turismo (SPTuris). Já as favelas cariocas estão localizadas no centro da capital e compõem, portanto, o próprio cenário turístico da cidade.

**Figura 9** – Mapa da oferta turística de São Paulo com foco no distanciamento da região da Vila Andrade dos atrativos turísticos



Fonte: Adaptado por Letícia Tavares de SPTuris (2018).

Os estrangeiros conhecem mais Paraisópolis do que os próprios brasileiros e paulistanos mesmo estes estando ainda mais próximos à favela, conforme a percepção de Rodrigues (2019) sem dados oficiais a respeito (informação verbal)<sup>22</sup>. Ele diz ainda que os moradores estão acostumados com o movimento de pessoas dentro da comunidade, mas ainda não se sabe qual é a opinião delas acerca disso.

As empresas privadas que não são parte da comunidade e que foram entrevistadas para a construção deste trabalho também deixaram claro que o estrangeiro é quem majoritariamente compõe a demanda desse passeio. A primeira empresa, que já não atua mais em Paraisópolis, contou que durante os quatro anos em que levaram visitantes até o local somente uma vez um grupo de brasileiros participou do passeio, enquanto que a segunda empresa, ainda atuante, disse que nunca levou brasileiros até lá, porque, segundo ele, brasileiro não pagaria o valor que é cobrado para realizar a visitação.

## 8.2 ROTEIROS

Três roteiros foram analisados e eles diferem entre si no que diz respeito à atuação e organização. O primeiro, o Circuito Paraisópolis das Artes, foi desenvolvido pela UMCP e ainda está em vigor. O segundo, o Favela Arts Tour, foi oferecido por uma operadora privada externa à Paraisópolis e a sua realização foi interrompida. O terceiro e último roteiro estudado foi o Favela São Paulo City Tour (*Slum*), também oferecido por uma empresa privada externa à favela, mas que ainda está em vigência.

O Circuito Paraisópolis das Artes foi explorado durante a visita à Paraisópolis em março de 2019 sem nenhum roteiro de entrevista, enquanto que os dois últimos roteiros não foram experienciados; o conhecimento acerca deles foi somente por meio de entrevistas telefônicas feitas com os responsáveis pelas operadoras seguindo um roteiro semiestruturado, com questões adaptadas para cada caso e que, durante a entrevista, não obedeceram necessariamente a ordem listada.

---

<sup>22</sup> Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

**Quadro 1 – Roteiro de entrevista com agências/operadoras de turismo em Paraisópolis**

<b>Empresas em atuação</b>	<b>Empresas sem atuação</b>
1- O que motivou a agência [inserir o nome da agência] a iniciar uma operação em Paraisópolis? Você já conhecia Paraisópolis e se inspirou em algum outro tour?	1- O que motivou a agência [inserir o nome da agência] a iniciar uma operação em Paraisópolis? Você já conhecia Paraisópolis e se inspirou em algum outro tour?
2- Há quanto tempo vocês atuam no local?	2- Por quanto tempo vocês atuaram no local?
3- O tour é voltado para qual público?	3- O tour era voltado para qual público?
4- Qual é o valor por pessoa e o que inclui?	4- Qual era o valor por pessoa e o que incluía?
5- Há algum retorno financeiro desse valor à comunidade?	5- Havia algum retorno financeiro desse valor à comunidade?
6- Qual é o roteiro?	6- Qual era o roteiro?
7- Como se dá relação entre a agência e a comunidade? Ela participa do roteiro?	7- Como se dava a relação entre a agência e a comunidade? Ela participava do roteiro?
8- Como é a divulgação desse tour?	8- Como era a divulgação desse tour?
9- Qual é a frequência com que realizam esse passeio? Há muita procura?	9- Quando e por que o tour deixou de acontecer?
10- Como foi o primeiro contato com a comunidade? Como isso influenciou o roteiro?	10- Como foi o primeiro contato com a comunidade? Como isso influenciou o roteiro?
11- Qual é a sua opinião sobre o roteiro?	11- Qual é a sua opinião sobre o roteiro?
12- Há alguma entrevista/questionário para entender a percepção do visitante?	12- Havia alguma entrevista/questionário para entender a percepção do visitante?
13- Conte sobre a sua experiência no local. Há algum diferencial entre o que você faz e outros roteiros no mercado?	13- Conte sobre a sua experiência no local. Havia diferencial entre o que você fazia e o que há hoje no mercado?

Fonte: Elaborado por Letícia Tavares (2019).

As perguntas 1, 10 e 11 foram as mesmas tanto para o roteiro de perguntas para empresas em atuação em Paraisópolis quanto para aquelas que não atuam mais no local. A 9 foi totalmente modificada a fim de se adequar à realidade da empresa no que diz respeito à operação no local, enquanto que a 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12 e 13 foram levemente modificadas também com a finalidade de se ajustar à situação atual.

#### 8.2.1 CIRCUITO PARAISÓPOLIS DAS ARTES

O Circuito Paraisópolis das Artes, “A cultura como ponte para integração e desenvolvimento social” (NOVA PARAISÓPOLIS, 2013), teve início em 2013 e foi

patrocinado pela LG e pela Dudalina<sup>23</sup> por um ano como parte da Lei Estadual do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) 12.268/2006 do Estado de São Paulo, ProAc (Programa de Ação Cultural) ICMS<sup>24</sup> (informação verbal)<sup>25</sup>. Ele nasceu da tentativa em se mudar o estereótipo atribuído aos moradores da favela, mas não mudou, mesmo que agora vivam nas mesmas condições que moradores de bairros de São Paulo. É cobrado um valor de R\$150,00 por pessoa para realizar o Circuito.

Para Rodrigues (2019), “Em Paraisópolis, as pessoas acham que tá (sic) vindo conhecer as pessoas. Não são as pessoas, como vivem as pessoas. Tá (sic) vindo aqui conhecer uma coisa específica, que é um artista que só tem aqui” (informação verbal)<sup>26</sup>. Rodrigues (2019) está falando sobre Berbela, Estevão e Antenor, os artistas de Paraisópolis, que têm as suas casas como parte do circuito. Para o presidente da UMCP é muito importante os visitantes irem até à favela motivados por esses artistas, pois eles dão um caráter único ao local e vão na contramão dos discursos que salientam que só há violência e crime dentro das favelas.

Foi assim que a UMCP foi buscar os sonhos que alguns membros da sua coordenação tinham quando crianças e que não foram realizados. Esses sonhos de infância deram origem a alguns espaços que compõem o Circuito Paraisópolis das Artes. Juliana Gonçalves, presidente da Associação das Mulheres na época, queria ser bailarina, então foi criado o Ballet Paraisópolis em 2012 a partir desse seu sonho com o apoio de Monica Tarragó, bailarina, professora e coreógrafa. Já Felipe Mota, líder comunitário do Conselho de Urbanização, sonhava em tocar violino, o que deu origem à Orquestra Filarmônica de Paraisópolis e ao projeto da Escola de Música, mas este ainda não se concretizou. Com esses e outros sonhos, nasceram 32 projetos de formação profissional, iniciativas que foram contra o discurso de muitos de que tudo não passaria de “projetinhos de sonhos” (informação verbal)<sup>27</sup>.

O passeio começa na sede da UMCP, depois segue ao estúdio da rádio comunitária “Nova Paraisópolis 87,5 FM”; oficina mecânica do Berbela; Viela do Palmeirinha, o campo da

<sup>23</sup> Esse patrocínio da LG e da Dudalina foi uma conquista da comunidade que conhecia pessoas que trabalhavam nesses locais e conseguiram que essas grandes marcas apoiassem o Circuito Paraisópolis das Artes por um ano.

<sup>24</sup> A Lei 12.268/2006 do Estado de São Paulo institui o Programa de Ação Cultural, implementado pela Secretaria de Estado da Cultura (SÃO PAULO, 2006). O ProAC ICMS permite que grupos, artistas ou produtores, após avaliação de alguns requisitos (relevância artística, orçamento etc.) e aprovação da comissão, solicitem patrocínio aos seus projetos a empresas com sede em São Paulo. Para incentivar essas ações, as empresas patrocinadoras recebem desconto no imposto devido (PROAC, 200-?).

<sup>25</sup> Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

<sup>26</sup> Os trechos da entrevista foram transcritos da forma como foram narrados.

Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

<sup>27</sup> Entrevista concedida por RODRIGUES, Gilson. **Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

comunidade; biblioteca BECEI, primeira biblioteca de Paraisópolis; casa do escultor Estevão e, por fim, o Projeto Ballet Paraisópolis. Caso ainda haja tempo, é possível que o visitante conheça a Casa de PET do Senhor Antenor; Programa Escola do Povo, projeto que alfabetizou mais de 3 mil moradores da favela; Associação das Mulheres de Paraisópolis; obras de urbanização e a Escola de Música de Grotão. Em suma, pode-se dizer que o projeto busca dar visibilidade aos artistas, aos locais e às iniciativas que colaboram com a idealização de uma Nova Paraisópolis (NOVA PARAISÓPOLIS, 2013).

**Figura 10 – Roteiro do Circuito Paraisópolis das Artes**



Fonte: Nova Paraisópolis (2013).

Durante a realização desse circuito em 30 de março de 2019 foi possível conhecer de perto alguns desses pontos. Antes de chegar até ele, o guia (que no dia foi o próprio Rodrigues) conta um pouco sobre o local e/ou quem é o artista, todavia, quem apresenta isso melhor são as próprias pessoas que trabalham no local e/ou o próprio artista. Berbela é mais comunicativo e inicia o passeio por sua oficina contando sobre a vinda de Pernambuco para São Paulo e como começou sua produção de objetos com as sucatas de sua oficina. Durante o passeio pelo Parque Ibirapuera, uma bicicleta chamou tanto a atenção de seu filho que pediu uma igual ao pai. Sem dinheiro para comprar, Berbela resolveu construir uma bicicleta a partir de uma outra que um

vizinho havia lhe dado e, assim, sua arte cativou outras pessoas da comunidade e até a Rede Globo que lhe convidou para fazer a abertura da novela *I Love Paraisópolis*.

**Figura 11** – Interior da oficina do Berbela



Fonte: Letícia Tavares (2019).

Já o tímido Estevão, o Gaudí de Paraisópolis, é baiano e conta que sua arte começou quando uma roseira plantada por ele começou a crescer demais até que invadiu a sua casa. Para ajudar na sua sustentação, ele a envolveu com ferro. Nessa estrutura, ele acrescentou cimento e alguns objetos que comprava ou ganhava e que têm valor sentimental para o artista, como porcelanas, xícaras, pedras, brinquedos e eletrônicos, até que isso foi crescendo; hoje em dia tem mais de oito metros e nela é possível encontrar os mais variados objetos. Ao chegar em frente à casa de Estevão, que se parece muito com um castelo, é possível reconhecer a semelhança de sua construção com as do arquiteto espanhol Antoni Gaudí – principalmente o Parque Güell em Barcelona –, daí a origem de seu apelido.

**Figura 12** – Interior da casa do Gaudí de Paraisópolis



Fonte: Letícia Tavares (2019).

Passou-se também pela sede da UMCP e pelo campo da comunidade, mas não se adentrou nesses espaços. O passeio terminou com a visita ao Ballet de Paraisópolis e lá foi possível assistir a alguns ensaios dos alunos. Como já dito anteriormente, o Ballet nasceu em 2012 e atende crianças e jovens da comunidade. Nas palavras de Tarragó (TARRAGÓ, 201-?), a intenção é transformar a vida das famílias de Paraisópolis, que vivem em uma situação de desigualdade e vulnerabilidade, e incentivar os alunos por meio da arte, educação e cultura a fim de alcançarem uma vida melhor.

**Figura 13** – Fachada do Ballet de Paraisópolis



Fonte: Letícia Tavares (2019).

### 8.2.2 FAVELA ARTS TOUR

A respeito das agências que já atuaram dentro de Paraisópolis, um profissional de turismo (profissional I)<sup>28</sup>, turismólogo e fundador de uma operadora de turismo receptivo na cidade de São Paulo, conta que já foi um dos guias de turismo dentro de Paraisópolis e cedeu alguns detalhes desse trabalho em uma entrevista realizada por telefone no dia 10 de julho de 2019.

O profissional I contou em entrevista que esteve pela primeira vez em Paraisópolis em 2010 e essa iniciativa partiu da solicitação de um cliente; ele contratou alguns serviços com a operadora e a questionou sobre a visita à favela paulistana. Ele entrou em contato com algumas pessoas da comunidade e pesquisou sobre o local, mas, segundo ele, “a primeira vez foi com a cara e coragem” (informação verbal)<sup>29</sup>.

“E deu certo, foi ótimo, a gente foi superbem recebido”, essa foi a impressão que o profissional I teve dessa primeira visita à Paraisópolis. Ele nunca tinha estado no local antes; estava ciente sobre sua localização, porém não possuía um conhecimento muito profundo

<sup>28</sup> O nome do entrevistado foi ocultado a fim de preservar a sua identidade.

<sup>29</sup> Os trechos da entrevista foram transcritos da forma como foram narrados. Entrevista concedida por PROFISSIONAL I. **Entrevista II.** [jul 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .m4a (1h01min35seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

acerca dele. Foi inspirado por outras guias que já atuavam em Paraisópolis. No início, ele diz que seu roteiro era muito parecido com os delas, todavia, com o tempo ele foi fazendo algumas alterações.

Os roteiros eram privativos; começavam pela manhã no hotel do cliente e durava, aproximadamente, três horas. A operadora o buscava no hotel e no trajeto até Paraisópolis, o guia fazia uma contextualização e contava um pouco da história do local, da ocupação, das peculiaridades da comunidade etc., a fim de proporcionar ao visitante uma experiência mais geral.

“Favela Arts Tour” era o nome dado ao roteiro. Para o profissional I, “[...] não é esse roteiro tradicional de favela que existe no Rio de Janeiro; o foco da vista era mais conhecer o trabalho de alguns artistas” (informação verbal)<sup>30</sup>. Além disso, ele cita os artistas Berbela, Estevão e Antenor, que estão presentes até hoje no Circuito Paraisópolis das Artes, mostrando que a visitação, antes mesmo de se oficializar nesse circuito, já buscava preservar e enaltecer a vida artística dentro da favela.

Entretanto, para o turismólogo, como o roteiro da sua empresa era guiado por profissionais da própria operadora e não da comunidade como acontece atualmente, esse acabava sendo muito superficial.

A opinião dele é que o roteiro era bem feito, porém muito limitado. Concentrava-se somente nas casas dos artistas, sendo que um deles nem sempre estava disponível. Ele e sua equipe gostariam de envolver a comunidade para realização desse roteiro, diferentemente do que os outros guias atuantes no local buscavam. Ele diz que na época até se disponibilizou voluntariamente para capacitar os interessados da comunidade em serem guias, mas a falta de tempo e alinhamento com a comunidade dificultaram o maior envolvimento. A ideia era que seus clientes fossem guiados por pessoas locais e esse foi o motivo pelo qual se aproximaram da UMCP:

Só faz sentido se for um negócio que envolva pessoas do local, que gere algum desenvolvimento para mais pessoas, que não fique só por exemplo “ah, a gente vai lá e beneficia quem? O Berbela e o Estevão e só isso”. É muito pequeno o impacto, então a gente queria elaborar um roteiro que passasse, por exemplo, em lugares que a pessoa produzisse alguma coisa que pudesse ser vendida, ou então, sei lá, a associação era uma visita também. Eu lembro que na época tinha uma rádio comunitária dentro da associação e a gente levava os turistas para verem o serviço da rádio, a gente queria ir mais a fundo nisso (informação verbal)<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> Os trechos da entrevista foram transcritos da forma como foram narrados.

Entrevista concedida por PROFISSIONAL I. **Entrevista II.** [jul 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .m4a (1h01min35seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

<sup>31</sup> Os trechos da entrevista foram transcritos da forma como foram narrados.

O público era, em sua grande maioria, gringo: estadunidense e europeu. Segundo o profissional I, “sul-americanos ou, enfim, sei lá, países que têm uma realidade parecida com a nossa, o pessoal não se interessava muito” (informação verbal)<sup>32</sup>. Em um dado momento, em parceria de projeto com Carlos Beutel, criador da Caminhada Noturna no Centro de São Paulo, em meados dos anos 2010, eles levaram um grupo de, aproximadamente, 30 brasileiros a Paraisópolis. De acordo com o turismólogo, essa foi a primeira vez que ele levou brasileiro para o local.

A divulgação se dava por meio do site da sua operadora, por links patrocinados da Google e algumas matérias publicadas em jornais e revistas, como Diário Oficial, Jornal da Gazeta e Veja São Paulo.

No que diz respeito ao valor, o profissional I não se lembra quanto custava o roteiro na época, porém, se fosse nos dias de hoje, custaria em torno de R\$500,00 no mínimo. Como os roteiros da operadora são privativos, o turismólogo declara que não são baratos. O valor incluía o carro privativo, o guia e as taxas pagas aos artistas da comunidade.

Sobre as motivações, “A gente sentia que uma das funções, umas das coisas mais legais desse roteiro era desmistificar esse estereótipo de violência, de tráfico, enfim, de só coisas ruins” (informação verbal)<sup>33</sup>. Ele diz que, quando recebia solicitações por e-mail, ele filtrava aqueles que queriam ir somente para ver algo parecido com “Tropa de Elite”, nas palavras do turismólogo.

A operadora disponibilizava via e-mail um formulário para o cliente avaliar a qualidade dos serviços prestados por ela, todavia não contava com perguntas direcionadas a avaliar suas impressões acerca da favela.

Por fim, a atuação desta operadora em Paraisópolis durou quatro anos e meio. O fim se deu por um desencontro entre a empresa e a UMCP que fez com que o profissional I e seus sócios decidissem por interromper o roteiro na favela, e também porque dois dos três guias que participavam da realização do roteiro precisaram deixar a operadora por motivos pessoais. Entretanto, como a operadora em questão possui boa reputação no TripAdvisor – quinto lugar

Entrevista concedida por PROFISSIONAL I. **Entrevista II.** [jul 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .m4a (1h01min35seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

<sup>32</sup> Os trechos da entrevista foram transcritos da forma como foram narrados.

Entrevista concedida por PROFISSIONAL I. **Entrevista II.** [jul 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .m4a (1h01min35seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

<sup>33</sup> Os trechos da entrevista foram transcritos da forma como foram narrados.

Entrevista concedida por PROFISSIONAL I. **Entrevista II.** [jul 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .m4a (1h01min35seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

em Excursões em São Paulo (TRIP ADVISOR, 2019) –, até hoje algumas pessoas entram em contato a equipe para a visita a Paraisópolis.

### 8.2.3 FAZELA SÃO PAULO CITY TOUR (*SLUM*)

A segunda empresa entrevistada realiza excursões privadas e compartilhadas em algumas cidades brasileiras, sendo São Paulo uma delas. A entrevista foi realizada por telefone com o proprietário da agência, profissional II<sup>34</sup>, no dia 26 de setembro de 2019. “Favela São Paulo City Tour (*Slum*)” é o nome da excursão que leva o visitante até a favela de Paraisópolis. Diferentemente da anterior, esta agência ainda tem atuação em Paraisópolis.

Com um público majoritário de estrangeiros para esse passeio, principalmente europeus e estadunidenses, o profissional II conta que a atuação em Paraisópolis tem aproximadamente seis anos. Em sua opinião, os estrangeiros têm muita curiosidade em conhecer uma favela e vê-la de perto, visto que é algo que está no imaginário deles. Essa demanda curiosa, portanto, foi um dos motivos que levou à agência a operar no local, segundo o profissional II, assim como a sua localização estratégica próxima da região dos hotéis onde geralmente seus clientes se hospedam e também do centro financeiro paulistano. Para ele, “[...] isso coloca Paraisópolis numa posição privilegiada se nós considerarmos favelas que são totalmente esquecidas dos paulistanos, que são as favelas longe da visão de todo mundo [...]” (informação verbal)<sup>35</sup>.

Outro ponto positivo citado pelo profissional II é a forte atividade econômica dentro de Paraisópolis graças à presença de bancos, grandes lojas etc., que deixam o lugar com uma melhor estrutura, além da segurança e a presença dos artistas. Deste último ponto ele salienta que eles chamam a atenção não por estarem em Paraisópolis; eles chamariam a atenção em qualquer outro bairro, pois os trabalhos que fazem têm muito talento e realmente impressionam.

Ele trabalhou como motorista e eventualmente levava algum passageiro que morava em Paraisópolis; foi assim que conheceu essa favela. Lembra que, em um dado momento, alguém o levou até lá para conhecer o Gilson Rodrigues, presidente da UMCP, e, então, isso se fixou em sua cabeça o que, posteriormente, resultou no início da realização dos passeios pelo local. Sua inspiração baseou-se nas visitas que fizera às favelas do Rio de Janeiro.

---

<sup>34</sup> O nome do entrevistado foi ocultado a fim de preservar a sua identidade.

<sup>35</sup> Os trechos da entrevista foram transcritos da forma como foram narrados.

Entrevista concedida por PROFISSIONAL II. **Entrevista III.** [set 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .m4a (34min13seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

Para o profissional II, a frequência da realização desse tour poderia ser muito maior – ele estima que, por ano, acontecem de 10 a 20 visitas a Paraisópolis – caso o valor cobrado pela UMCP fosse menor. Ele reconhece a importância dela e até diz que acha que não fosse por eles a sua empresa não teria iniciado o passeio. Entretanto, o valor cobrado por ela para a visitação (R\$150,00 por pessoa) é muito alto; somado ao valor do passeio privativo (em torno de R\$700,00 para até três pessoas), o qual inclui o transporte ida e volta e o guia, geralmente bi ou trilíngue (inglês e espanhol). Tudo isso encarece substancialmente o valor final. Sendo assim, somente vão até lá os clientes que realmente fazem questão de conhecer a favela paulistana.

O empresário não é contra o pagamento da taxa de visitação à comunidade; ele diz que é importante devolver algo para ela. No entanto, como é difícil um acordo entre a UMCP sobre esse valor, o turismo ali torna-se, em suas palavras, muito elitizado, causando, assim, prejuízo ao incentivo do turismo na localidade.

O roteiro é o mesmo do Circuito Paraisópolis das Artes e sempre conta com o monitoramento de alguém da comunidade. O guia traduz aquilo que o monitor diz aos visitantes estrangeiros. Quando a empresa recebe uma solicitação de reserva do Favela São Paulo City Tour (*Slum*), o profissional II avisa o Gilson para que ele já selecione quem será esse monitor que acompanhará os seus clientes. Apesar desse acompanhamento, não há muito suporte e atenção especial a esses visitantes.

A opinião pessoal do profissional II é que esse é um dos melhores tours que a sua empresa oferece, porém para que o turismo fosse alavancado era preciso uma parceria com mais interesse por parte da comunidade, especificamente da UMCP. Ele já tentou levar fotógrafos para captar imagens e fazer um vídeo para melhorar a divulgação e promover Paraisópolis como um produto turístico, mas não despertou interesse neles e tampouco foi autorizado.

Mesmo sem esse vídeo promocional, o qual, segundo o profissional II, atrairia mais visitantes, a divulgação do tour oferecido pela empresa é por meio do seu próprio website e plataformas de empresas estrangeiras, como o TripAdvisor, Expedia, ToursByLocals, entre outros. Do mesmo modo, é o TripAdvisor o canal pelo qual a empresa recebe as avaliações dos seus clientes.

Ele acredita que não existem muitas agências que operam no local, mas que o roteiro lá realizado é sempre o mesmo. É possível explorá-lo de outra forma e a empresa está fazendo isso a fim de melhorar a experiência e levar os visitantes para experienciar algo mais tradicional oferecido pela UMCP: feijoada com samba na laje. Este roteiro está escrito e só falta ser disponibilizado no website da empresa.

Por fim, o profissional II julga o roteiro como

“[...] muito bom, eu acho que é pouco explorado. Eu acho que tem muito potencial se for mais acessível o valor. [...] O que não dá para diminuir é o valor do tour por si só. Por quê? [...] eu procuro pagar o máximo que eu posso para o guia de turismo para ele desempenhar o melhor que ele pode [...] eu tenho esse cuidado de manter um bom relacionamento com o guia. Quem fideliza o cliente, na minha cabeça, é o guia, então ele tem que estar motivado [...]” (informação verbal)<sup>36</sup>.

#### 8.2.4 ANÁLISE COMPARATIVA DOS ROTEIROS

Os três roteiros estudados, como já dito anteriormente, diferem-se no que diz respeito à origem e atuação dos agentes. O primeiro é morador de Paraisópolis e ainda atua como guia no local, o segundo não é morador de Paraisópolis nem mais atua como guia, o terceiro não é morador, mas é guia. Segundo Borges (2012, p. 10), os papéis exercidos pelos diferentes agentes envolvidos – guias externos, guias locais e turistas – são fundamentais para a construção da favela em questão como destino turístico.

A motivação que os levou a iniciar essa operação em Paraisópolis é a mesma para os profissionais I e II: para ambos, a demanda foi o que os impulsionou a atuarem no local. No caso da UMCP, o Circuito Paraisópolis das Artes nasceu do interesse dos próprios moradores em superar o estereótipo de favela exibindo aos visitantes o seu lado artístico. O profissional I não conhecia o local, enquanto que o II já havia inclusive trabalhado na região.

O profissional I é quem iniciou as operações mais cedo (em 2010) quando comparado ao passeio da UMCP e ao profissional II (ambos em 2013). O público é majoritariamente estrangeiro para os três casos analisados.

No que diz respeito aos valores, a diferença é significativa entre os três. Considerando que seja possível realizar todo o Circuito Paraisópolis das Artes, nele 12 espaços terão sido visitados ao final do passeio. Isso significa que os R\$150,00 por pessoa cobrados seriam, com efeito, R\$12,50 para cada responsável por esses espaços. Desse modo, não é possível dizer que esse valor é alto. É preciso que as empresas que ofertam esse passeio reavaliem as causas de seu encarecimento, não podendo ser os valores cobrados pelos membros da comunidade de Paraisópolis, mas sim aqueles que se devem aos serviços externos como motorista e guia – sendo estes sob precificação das próprias empresas. São mínimos de R\$500,00 do profissional I e R\$700,00 do profissional II frente aos R\$150,00 da UMCP.

Pode-se dizer que os roteiros, sendo pouco diferenciados entre si inclusive no que tange a seus objetivos, de modo geral, convergem. Todos buscam apresentar aos turistas o lado

<sup>36</sup> Os trechos da entrevista foram transcritos da forma como foram narrados.

Entrevista concedida por PROFISSIONAL II. **Entrevista III.** [set 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .m4a (34min13seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

artístico de Paraisópolis e enaltecer os artistas que ali moram a fim de desconstruir o estereótipo existente. Com um público quase que totalmente composto por estrangeiros, entende-se como necessário exibi-los esse aspecto, uma vez que grande parte das notícias sobre as favelas brasileiras divulgadas internacionalmente dão foco ao crime, à violência, à insegurança e à pobreza desses locais. Sendo assim, tendo a mídia um papel fundamental nessa divulgação e na formação da opinião pública, a concepção exposta por ela ao centrar-se nos algozes citados acaba por torná-los a referência dominante do imaginário das pessoas relativamente às favelas. Assim, cria-se um estereótipo acerca desse tipo de ocupação sobretudo na mentalidade de estrangeiros.

Em uma rápida pesquisa na aba *Notícias* do Google com os termos *favelas in Brazil* (favelas no Brasil, em português) foi possível coletar algumas manchetes que comprovam no que se baseia a imprensa internacional para referir-se a elas.

**Quadro 2 – Manchetes de jornais internacionais sobre as favelas brasileiras**

Jornal	Título original da manchete	Título traduzido (tradução de Letícia Tavares)	Fonte
France 24	Brazil police operation in Rio favela leaves 13 dead	Operação policial brasileira na favela do Rio deixa 13 mortos	FRANCE24 (2019)
Newsweek	Police are killing more and more people in Brazil's favelas – and community leaders say Bolsonaro and his allies are to blame	A polícia está matando mais e mais pessoas nas favelas do Brasil – e líderes comunitários dizem que Bolsonaro e seus aliados são culpados	BRENNAN (2019)
The Guardian	Brazilians blame Rio governor's shoot-to-kill policy for death of girl	Brasileiros culpam política atirar-para-matar do governador do Rio pela morte de garota	PHILLIPS (2019)
The Washington Post	Another fire is raging in Brazil – in Rio's favelas	Outro incêndio está ocorrendo no Brasil – nas favelas do Rio	FAHLBERG (2019)

Fonte: Elaborado por Letícia Tavares (2019).

Dessa forma, a visita a Paraisópolis sustenta-se como um contraponto a esses alicerces negativos (medo social) sobre os quais a visão midiática sobre a favela se baseia, servindo ainda como forma de superá-los e chamar atenção para a arte e as conquistas do local. Os roteiros, em especial os dois últimos oferecidos por empresas externas, consideram importante ter um guia local presente na visitação.

Uma pessoa da comunidade como guia nos passeios proporciona ao visitante, além de maior originalidade, uma experiência sob o juízo de uma pessoa que vivencia todos os dias a realidade que apresenta e se insere, introduzindo aos externos a composição efetiva da favela que se abrange para além do crime, violência, insegurança e pobreza. Um guia externo, mesmo conhecendo sobre a história do local e das pessoas que ali vivem, possui a sua fala potencialmente sujeita à influência dos estereótipos acerca de Paraisópolis, o que pode deixar o tour superficial. Foi assim que julgou o profissional I o seu roteiro, o qual não tinha guias locais, colaborando com ideias que reforçam o estereótipo de favela no imaginário dos turistas.

Recomendo fortemente o passeio à favela de Paraisópolis (ou ao menos antiga favela) e à rica área vizinha do Morumbi. Meu guia<sup>37</sup> foi fantástico e explicou a história, bem como o desenvolvimento atual que está ocorrendo. Ele respondeu pacientemente a todas as minhas perguntas, por mais estúpidas que fossem! O passeio é muito interessante no sentido de que passa por áreas muito contrastantes em termos das formas tradicionais de medir a riqueza. Também oferece perspectivas valiosas sobre a imagem estereotipada das favelas, como lugares miseráveis onde todos estão infelizes. Foi uma ótima experiência caminhar para conhecer pessoas no bairro de Paraisópolis<sup>38</sup>.

Este e o próximo comentário são de estrangeiros que visitaram a favela de Paraisópolis seguindo o roteiro de uma das empresas entrevistadas validam a função dos passeios em auxiliar na transposição da visão negativa das favelas exposta pela mídia:

Durante todo o passeio não tivemos um sentimento de insegurança. O guia é conhecido na favela e tem um bom relacionamento com os locais. (...) Ele nos mostrou não somente o lado “obscuro” da favela, mas ele nos deu uma impressão para entender um pouco mais o conceito de favela. Ele nos levou a artistas locais que têm uma ideia e uma visão. Em nenhum momento nos sentimos como *voyeurs*<sup>39</sup> ou intrusos. O passeio vale cada centavo. Você não vai se arrepender e sairá com muitas informações que precisarão ser guardadas. Muito educativo<sup>40</sup>.

A divulgação de todos se dá/dava por meio de canais digitais e, no caso do profissional I, também por jornais e revistas.

<sup>37</sup> O nome do guia foi ocultado a fim de preservar a sua identidade.

<sup>38</sup> O comentário é de um sueco que fez a visita à Paraisópolis em 2013 com uma das empresas entrevistadas. Foi extraído do TripAdvisor e sua fonte não será revelada a fim de preservar a identidade do dono do comentário e da empresa. (Tradução de Letícia Tavares)

<sup>39</sup> Do Francês, alguém que observa; que vê, isto é, indivíduo que observa os outros sem estar envolvido por prazer próprio. (Tradução de Letícia Tavares)

<sup>40</sup> O comentário é de um alemão que fez a visita à Paraisópolis em 2013 com uma das empresas entrevistadas. Foi extraído do TripAdvisor e sua fonte não será revelada a fim de preservar a identidade do dono do comentário e da empresa. (Tradução de Letícia Tavares)

A frequência com que realizam esse passeio é desigual entre o Circuito Paraisópolis das Artes e o realizado pela empresa do profissional II. O número do primeiro foi de 500 visitações em 2018 contra de 10 a 20 visitações por ano do segundo.

Tanto o profissional I quanto o II disseram ter tido um bom primeiro contato com a comunidade e isso, como já esperado, influenciou positivamente na construção e realização do roteiro.

A opinião dos profissionais I e II acerca do roteiro é, em suma, muito boa e exaltadora de seu potencial, no entanto eles exprimem um desagrado comum em relação à assimetria entre os interesses das empresas privadas e os da comunidade, o que revela um ponto: trata-se do turismo em um local onde o Estado não atua. O local pertence à comunidade e é ela quem dita as regras; quem quiser estar lá, precisa respeitar e obedecer a essas regras. Os dois profissionais entrevistados lidaram com questões já citadas, surgidas exatamente porque quiseram ultrapassar a linha existente entre eles e a comunidade, o que evidencia esse conflito de interesses.

Por fim, mesmo que não estivesse presente no roteiro de perguntas, a exotização da pobreza<sup>41</sup> é algo que não pode deixar de ser descartado da análise. Esse consumo da pobreza pelo turismo não busca mudar ou atenuar a diferença social entre os atores envolvidos, mas acaba por reforçá-la. “[...] é preciso observar que os turistas, ao consumirem os objetos e práticas associados aos pobres, não querem ser como eles, mas pretendem consumir a própria diferença socioeconômica através dos símbolos associados à pobreza” (FREIRE-MEDEIROS, 2009, p. 33).

Em Paraisópolis, diferentemente de outros roteiros de visitação que possam existir em outros lugares, o objetivo não é mostrar o modo de viver das pessoas e marcar a diferença que talvez exista entre elas e quem as visita. É como disse Rodrigues durante a entrevista e já citado anteriormente: quem visita Paraisópolis irá conhecer particularidades do local: seus artistas, técnicas e projetos artísticos e sociais dali originados pelo interesse e iniciativa da população que representam sonhos que se tornaram realidade. Mesmo que enfrentem a exotização da pobreza, o que eles querem é visibilidade ao que lá existe de fato, quebrando, assim, muitos estereótipos e diminuindo o preconceito.

No início do passeio, o guia contextualiza o visitante sobre a história da formação Paraisópolis, com foco a partir da chegada dos nordestinos no local, sem se aprofundar sobre o

---

<sup>41</sup> Por definição, *exotismo* é o gosto por tudo que é exótico (MICHAELIS, 2019). Dessa forma, o que considero como *exotização da pobreza* é o processo de transformação dela em um aspecto alheio aos mecanismos sociais que a determinam, sendo eles injustos e indissociáveis a sua contemplação, isto é, a má distribuição de renda e a própria naturalização dessa condição que não é moralmente aceitável.

que aconteceu antes disso. Para o pesquisador II, a localização é privilegiada, principalmente por estar perto dos hotéis nos quais seus clientes se hospedam, facilitando a logística, enquanto que Rodrigues e o pesquisador I não expressam a sua opinião acerca da localização da favela. Dessa forma, não há qualquer menção ao fato do local estar afastado do centro de São Paulo que concentra grande parte dos atrativos turísticos da cidade.

Os três roteiros têm os mesmos lugares como pontos de visitação. Mesmo sem ter tido a oportunidade de realizar o passeio com os profissionais I e II, tendo em vista que o roteiro é o mesmo e que, ao chegar nos locais, quem dá voz não é mais o guia, mas sim os responsáveis por cada um, pode-se dizer que o que é falado é muito semelhante ao que foi relatado no item 8.2.1.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente às potencialidades apresentadas de Paraisópolis e de sua comunidade apresentadas, é possível notar alguns pontos que incutem no não aproveitamento delas. Embora as atividades desenvolvidas pela comunidade do local sejam atrativas turisticamente e, portanto, também economicamente, sua falta de visibilidade é uma das razões que implicam na diminuição de seu tratamento como objeto turístico. Por outro lado, quando existente, a visibilidade dessa e de outras favelas é vítima dos preconceitos e do medo social sobre os quais se apoia a mídia que os propaga. Além disso, a associação existente entre a ação de empresas de turismo e dos membros de Paraisópolis ainda é portadora de conflitos socioeconômicos.

Paraisópolis mostra possuir diversas potências, sendo muitas das ações que lá aconteceram e acontecem, frutos de iniciativas da própria comunidade que desde o início da sua história mostra que não hesita em lutar por aquilo que quer. Sendo assim, frente a toda evolução durante a sua história, a comunidade dali possui muito a expor aos que dela não são membros. Contudo, para que se atinja maior abrangência de público é preciso que o local seja ainda mais promovido e valorizado visando à maior visibilidade.

A promoção do local realizada pela comunidade e agências e o alcance conseguido por elas ainda são deficientes. A cooperação eficiente entre membros internos e externos da comunidade no aprimoramento da atividade turística em todos os sentidos (promoção, estrutura, parcerias, diversificação, preços etc.), dá ao turismo de Paraisópolis a sua capacidade de colaboração ainda maior com sua economia incipiente, geração de emprego e qualidade de vida para os locais.

Os agentes externos mostraram que possuem interesse não só em promover o turismo, mas também de auxiliar os moradores de Paraisópolis. Para isso, é válido ressaltar que se é de desejo dos moradores locais e de agências externas o aumento da frequência desse turismo é indispensável a seu desenvolvimento, dentro dos limites possíveis, uma parceria entre esses agentes que respeitem os limites humanos e sociais da comunidade e leve em consideração suas necessidades socioeconômicas. Outrossim, a viabilidade financeira dessa atividade deve ser garantida com o intuito de se manter e ampliar o interesse da comunidade na promoção do turismo no local, impulsionando-o de maneira orgânica.

Além disso, o maior número de visitas ao local, pode vir a minimizar a visão preconceituosa criada acerca da favela, uma vez que se compreenderá a favela em suas

potencialidades artístico-culturais. Combate-se, assim, o entendimento do senso comum propagado pela mídia que a dita como apenas uma zona de criminalidade, violência e pobreza.

Vê-se, ainda, a participação ativa da comunidade na atividade turística como necessária para alcançar, finalmente, o reconhecimento de Paraisópolis como um bairro importante no mapa da cidade de São Paulo. Uma vez que ela, se oferecer aos visitantes maiores detalhes sobre suas origens – em parte inserida no contexto da imigração japonesa em São Paulo do século XX –, colocaria Paraisópolis com mais evidência na história da cidade de uma forma geral.

Conclui-se, portanto, que após a análise dos roteiros, Paraisópolis oferece ao visitante conteúdo sobre seu surgimento, seus esforços, a evolução de suas formas construtivas e sua criatividade para desenvolver formas alternativas de vida e subsistência que mostram que a favela é, além de um espaço de desigualdade e precariedade, um local de muita história, cultura, luta e resistência. Esses elementos pretendem promover ao visitante uma reflexão que ajude a mudar a visão estereotipada da favela, mesmo com a presença de alguns símbolos associados a ela.

**Figura 14** – Grafite em um dos becos de Paraisópolis



Fonte: Letícia Tavares (2019).

## REFERÊNCIAS

- ALESSI, Nelson A. *Formam-se favelas e ganham importância no cenário urbano São Paulo: Heliópolis e Paraisópolis*. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-24042009-150118/en.php>>. Acesso em 15 mar. 2019.
- ATOZERO4. **Prazer, Paraisópolis.** São Paulo: Som Livre, 2015. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=5&v=muDHlb16pkc](https://www.youtube.com/watch?time_continue=5&v=muDHlb16pkc)>. Acesso em 08 ago. 2019.
- BALTRUSIS, Nelson. *A dinâmica no mercado imobiliário informal na Região Metropolitana de São Paulo: um estudo de caso nas favelas de Paraisópolis e Nova Conquista*. 2000. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas.
- BARRETO, Pedro. **Rio-92: mundo desperta para o meio ambiente.** 2009. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2303:cat\\_id=28&Itemid=23](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2303:cat_id=28&Itemid=23)>. Acesso em 24 set. 2019.
- BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: letras e imagem, 2009.
- BORGES, Andréa M. A. *A dois passos do paraíso? Análise sobre a construção da favela Paraisópolis (São Paulo-SP) como destino turístico*. 2012. Dissertação (Mestrado em Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10843/DissertacaoAndreaBorges%5bFINAL-com-ata%5d%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 17 mar. 2019.
- BOTTINO, Caroline M. de M. Das Primeiras Expedições ao Turismo Organizado: a trajetória das visitações nas favelas da cidade do Rio de Janeiro. *Revista Anais Brasileiros De Estudos Turísticos (ABET)*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 23-38, 2018.
- BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional nº 90, de 15 de setembro de 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 17 abr. 2019.
- BRENNAN, David. **Police are killing more and more people in Brazil's favelas – and community leaders say Bolsonaro and his allies are to blame.** 2019. Disponível em: <<https://www.newsweek.com/police-killings-brazil-favelas-jair-bolsonaro-marielle-franco-wilson-witzel-1468428>>. Acesso em 06 nov. 2019.
- DUCATI, Ariane. **Abertura de I Love Paraisópolis une esculturas de sucata e universo da pop art.** 2015. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/i-love-paraisopolis/extras/noticia/2015/05/abertura-de-i-love-paraisopolis-une-esculturas-de-sucata-e-universo-da-pop-art.html>>. Acesso em 17 nov. 2019.

FAHLBERG, Anjuli. **Another fire is raging in Brazil — in Rio's favelas.** 2019. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/opinions/2019/09/06/another-fire-is-raging-brazil-favelas/>>. Acesso em 06 nov. 2019.

FRANCE24. **Brazil police operation in Rio favela leaves 13 dead.** 2019. Disponível em: <<https://www.france24.com/en/20190208-brazil-police-operation-rio-favela-leaves-13-dead>>. Acesso em 06 nov. 2019.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **A construção da favela carioca como destino turístico.** Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na laje: Produção, circulação e consumo da favela turística.** Rio de Janeiro: FGV, 2009.

GARIBALD, Jefferson. **União dos Moradores e do Comércio de Paraisópolis.** 2017. Disponível em: <<http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/espaco/88/>>. Acesso em 15 mar. 2019.

GOOGLE, INC.. **Google Maps > Distância entre Paraisópolis e Av. Paulista.** 2019. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/dir/Parais%C3%B3polis,+S%C3%A3o+Paulo+-+SP/Av.+Paulista+-+Bairro+Jardins,+S%C3%A3o+Paulo+-+State+of+S%C3%A3o+Paulo/@-23.5887809,-46.724278,13z/data=!3m1!4b1!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x94ce56cae3d0ed5f:0x690f0a1022652cf9!2m2!1d-46.7262555!2d-23.6146226!1m5!1m1!1s0x94ce59c8da0aa315:0xd59f9431f2c9776a!2m2!1d-46.6543825!2d-23.5631043!3e0>>. Acesso em 16 abr. 2019.

GOOGLE, INC.. **Google Maps > Distância entre Paraisópolis e Centro de São Paulo.** 2019. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/dir/Parais%C3%B3polis,+S%C3%A3o+Paulo+-+SP/Centro,+S%C3%A3o+Paulo+-+SP/@-23.577517,-46.714211,13z/data=!3m1!4b1!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x94ce56cae3d0ed5f:0x690f0a1022652cf9!2m2!1d-46.7262555!2d-23.6146226!1m5!1m1!1s0x94ce58560a6c5f29:0xeaff177e6d6a04b7a!2m2!1d-46.6320967!2d-23.5406338!3e0>>. Acesso em 16 abr. 2019.

GOOGLE, INC.. **Google Maps > Distância entre Paraisópolis e Parque Ibirapuera.** 2019. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/dir/Parais%C3%B3polis,+S%C3%A3o+Paulo+-+SP/Parque+Ibirapuera+-+Vila+Mariana,+S%C3%A3o+Paulo+-+State+of+S%C3%A3o+Paulo/@-23.6001286,-46.7086092,14z/data=!3m1!4b1!4m14!4m13!1m5!1m1!1s0x94ce56cae3d0ed5f:0x690f0a1022652cf9!2m2!1d-46.7262555!2d-23.6146226!1m5!1m1!1s0x94ce59f1a91c26a3:0x5fd57fbcb6222e5a!2m2!1d-46.6559132!2d-23.5848435!3e0>>. Acesso em 16 abr. 2019.

IBGE. **Brasil 1 por 1.** 2010a. Disponível em: <[http://mapasinterativos.ibge.gov.br/atlas\\_ge/brasil1por1.html](http://mapasinterativos.ibge.gov.br/atlas_ge/brasil1por1.html)>. Acesso em 16 abr. 2019.

IBGE. **Censo 2010.** 2010b. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/agsn/>>. Acesso em 30 out. 2019.

**IBGE. Censo Demográfico 2010: Aglomerados Subnormais.** 2010c. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd\\_2010\\_aglomerados\\_subnormais.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd_2010_aglomerados_subnormais.pdf)>. Acesso em 17 mar. 2019.

**IBGE. Censo Demográfico 2010: Características da População e dos Domicílios.** 2010d. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd\\_2010\\_caracteristicas\\_populacao\\_domicilios.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf)>. Acesso em 16 abr. 2019.

**MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 19 out. 2019.

**MORAES, Camila. TURISMO E O MUSEU DE FAVELA:** Um caminho para novas imagens das favelas do Rio de Janeiro. *Revista eletrônica de Turismo Cultural*, v. 4, n. 1, p. 104-118, 2010. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/turismocultural/Revista07completa.pdf#page=104>>. Acesso em 05 nov. 2019.

**MTUR. Dinâmica e diversidade do turismo de base comunitária: desafio para a formulação de política pública.** Brasília: Ministério do Turismo, 2010a.

**MTUR. Plano Nacional de Turismo 2007-2010: uma viagem de inclusão.** Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

**MTUR. Projeto Top Tour é lançado no Rio.** 2010b. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/ultimas-noticias/2202-projeto-top-tour-e-lancado-no-rio.html>>. Acesso em 16 mar. 2019.

**MUSEU DE FAVELA MUF. Apresentação Museu de Favela MUF.** 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YReUotHVM4U>>. Acesso em 23 set. 2019.

**MUSEU DE FAVELA MUF. favela tour - O que é o MUF? Museu de Favela.** 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xJvUOAyWnOM>>. Acesso em 23 set. 2019.

**MUSEU DE FAVELA. Sobre o MUF.** 20-?. Disponível em: <<https://www.museudefavela.org/sobre-o-muf/>>. Acesso em 23 set. 2019.

**NOVA PARAÍSÓPOLIS. Visite Paraisópolis.** 2013. Disponível em: <<http://paraisopolis.org/visite/>>. Acesso em 16 mar. 2019.

**OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009. 104 p. Disponível em: <<http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/o-que-%C3%A9-favela-afinal.pdf>>. Acesso em 17 abr. 2019.

**PHILLIPS, Dom. Brazilians blame Rio governor's shoot-to-kill policy for death of girl.** 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2019/sep/22/brazilians-blame-rio-governors-shoot-to-kill-policy-for-death-of-agatha-felix-girl-8>>. Acesso em 06 nov. 2019.

PIZARRO, Eduardo P. *Interstícios e Interfaces Urbanos como Oportunidades Latentes: o caso da Favela de Paraisópolis, São Paulo.* 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-19122014-155950/pt-br.php?utm\\_medium=website&utm\\_source=archdaily.com.br](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-19122014-155950/pt-br.php?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br)>. Acesso em 19 mar. 2019.

**PMSP. Paraisópolis: Projeto de urbanização transformará a favela de Paraisópolis em bairro.** 2005. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/habitacao/noticias/?p=4275>>. Acesso em 16 abr. 2019.

**PMSP. Programa de Urbanização de Favelas.** 2009. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/habitacao/programas/index.php?p=3374>>. Acesso em 16 abr. 2019.

**PROAC. ICMS > Principal.** 200-?. Disponível em: <[http://www.proac.sp.gov.br/proac\\_icms/principal/](http://www.proac.sp.gov.br/proac_icms/principal/)>. Acesso em 15 mar. 2019.

**PROFISSIONAL I. Entrevista II.** [jul 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .m4a (1h01min35seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

**PROFISSIONAL II. Entrevista III.** [set 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .m4a (34min13seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

**PROJETO MORRINHO. REVOLUÇÃO ARTÍSTICA. Detalhes de uma obra vive (sic) A arte resiste !!! A favela vive.** 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/morrinhoproject/photos/a.201523296666997/1437727463046568/?type=3&theater>>. Acesso em 12 nov. 2019.

**REDE NOSSA SÃO PAULO. Mapa da desigualdade 2019.** 2019. Disponível em: <[https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapada\\_Desigualdade\\_2019\\_apresentacao.pdf](https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapada_Desigualdade_2019_apresentacao.pdf)>. Acesso em 12 nov. 2019.

**RODRIGUES, Gilson. Entrevista I.** [mar 2019]. Entrevistadora: Letícia Tavares de Andrade. São Paulo, 2019. 1 arquivo .mp3 (1h59min28seg). A entrevista na íntegra é de posse da entrevistadora.

**ROMAR, Juliana. Comunidade do Santa Marta recebe projeto turístico de inclusão social.** 2010. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=1089271>>. Acesso em 14 set. 2019.

**SÃO PAULO.** Lei N° 16.050, de 31 de julho de 2014. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/2014-07-31-lei\\_16050 - plano diretor estratgico 1428507821.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/2014-07-31-lei_16050 - plano diretor estratgico 1428507821.pdf)>. Acesso em 08 ago. 2019.

**SARMENTO, José M. Paraisópolis: caminhos de vida e morte.** São Paulo: Zouk, 2003.

**SEHAB. Urbanização de Favelas: A Experiência de São Paulo.** São Paulo: Boldarini Arquitetura e Urbanismo, 2008.

SILVA, Katia T. P.; RAMIRO, Rodrigo C.; TEIXEIRA, Breno S. “Fomento ao turismo de base comunitária a experiência do Ministério do Turismo”. In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: letras e imagem, 2009.

SILVA, Lilian de A. *Museu e turismo: instrumentos de negociação de cidadania? Estudo de caso do Museu de Favela - MUF/Rio de Janeiro.* 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10206/1/Lilian%20Silva%20para%20biblioteca.pdf>>. Acesso em 23 set. 2019.

SPTURIS. **São Paulo: cidade do mundo.** 2018. Disponível em: <[http://www.observatoriodoturismo.com.br/pdf/DADOS\\_E\\_FATOS.pdf](http://www.observatoriodoturismo.com.br/pdf/DADOS_E_FATOS.pdf)>. Acesso em 17 nov. 2019.

TARRAGÓ, Monica. **Quem somos.** 201-?. Disponível em: <<http://balletparaisopolis.com.br/quem-somos/>>. Acesso em 15 nov. 2019.

TRIP ADVISOR. **Around SP.** 2019. Disponível em: <[https://www.tripadvisor.com.br/Attraction\\_Review-g303631-d2277168-Reviews-Around\\_SP-Sao\\_Paulo\\_State\\_of\\_Sao\\_Paulo.html#REVIEWS](https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303631-d2277168-Reviews-Around_SP-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html#REVIEWS)>. Acesso em 08 ago. 2019.

TRIP ADVISOR. **O que fazer: São Paulo, SP.** 2019. Disponível em: <[https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g303631-Activities-Sao\\_Paulo\\_State\\_of\\_Sao\\_Paulo.html](https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g303631-Activities-Sao_Paulo_State_of_Sao_Paulo.html)>. Acesso em 16 abr. 2019.

ZS IMÓVEL. **Qual o valor do metro quadrado dos apartamentos do Morumbi?** 2019. Disponível em: <<https://www.zsimovel.com.br/blog/qual-o-valor-do-metro-quadrado-dos-apartamentos-do-morumbi/2794/>>. Acesso em 19 out. 2019.